

Trabalho final
do
Curso de Mestrado
em
Intervenção em Dificuldades de Aprendizagem

Isep -Institut d'estudis psicològics

A ESCOLA. UMA ESCOLA - Uma vivência

Área de Modificação de Conduta

Trabalho realizado por: Maria José Loureiro Santos Lobato de Azevedo
AP2OPFSM

Tutor: Manuel Sánchez Cano

Índice

Introdução	5
Capítulo I – Escola e Alquimia	7
1 – As partes e o todo	7
2 – Era uma vez uma escola.....	10
O antes parte I	11
Reflectindo por comparação I	13
O antes parte II.....	13
Reflectindo por comparação II	15
3 – A escola do desencantamento.....	16
Capítulo II – Os elementos para a alquimia.....	20
1 – Caracterização da escola	22
2 – Caracterização dos alunos	22
3 – Caracterização dos cursos profissionais.....	24
4 – Caracterização dos professores	25
5 – Caracterização da família	27
Capítulo III – A Escola	28
1 – Referenciais teóricos	28
A Zona de desenvolvimento próximo de Vygotsky	28
Condicionamento operante de Skinner	30
Teoria de inteligência emocional de Goleman.....	32
2 – O Projecto	33
2.1. O Projecto educativo	34
2.2. As actividades e procedimentos	37
Capítulo IV – A Escola em acção.....	42
1 – Os trabalhos de projecto	42
2 – Participação em feiras e eventos	47
3 – Protocolos.....	47
4 – Organização de colóquios e conversas informais.....	48
5 – Equipas de trabalho	49
Conclusão.....	51
Anexos	53
Bibliografia	59

“Acredita naqueles que procuram a verdade. Duvida daqueles que a encontrarem”

André Gide

Introdução

A escolha de realização de um curso de Mestrado em “Intervenção em Dificuldades de Aprendizagem” e consequente escolha do tema de trabalho, na área de “Modificação de Conduta” prende-se essencialmente com a minha prática docente e com a necessidade sentida de procurar, reflectir e encontrar novos e diferentes caminhos naquilo que considero ser uma profissão alquímica : a de ensinar a aprender.

É claro, que o modo de ver e estar na Escola modifica-se ao longo dos tempos, pois a própria sociedade modifica-se e transforma-se.

Creio, contudo, e falando na realidade que é a realidade do meu país, e do seu sistema de ensino, que a escola não tem vindo a acompanhar a evolução da própria sociedade e dos requisitos impostos no que diz respeito às necessidades de formação, bem como a uma concepção mais generalizada de uma educação para todos e consequente obrigatoriedade de uma escolaridade mínima. Não são contudo estes imperativos que coloco em causa, bem pelo contrário. Considero fundamental a escola como um lugar de formação e educação para todos, como um espaço privilegiado para a realização daquilo a que chamarei alquimia.

Aquilo que pretenderei, essencialmente, é realizar uma reflexão, baseada no modo como fui vendo, sentindo e percebendo a escola, nas modificações que registei e sobre tudo centrar-me no que mais me preocupa: a falta de motivação dos alunos o desinvestimento na sua formação. Procurarei expor as causas que considero poderem estar na base desse fenómeno e enquadrar esta análise na área de modificação de conduta, com propostas que considero poderem vir a alterar o panorama. É este o meu ponto de partida, a minha motivação para a realização do presente trabalho e do curso em que este se insere.

Neste sentido, e como já tinha referido na minha proposta inicial , caracterizar-se-á este trabalho por ideias sedimentadas ao longo da minha prática profissional, bem como da integração de muitas das abordagens realizadas nos dois anos curriculares do Curso de Intervenção em Dificuldades de Aprendizagem, que ao ser tão abrangente em temas e procedimentos, me permitiu construir novas perspectivas. Diria que umas das ideias que mais me marcou e que considero ser impulsionadora para esta reflexão que proponho

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência fazer, é a de que não há receitas, não há medidas exactas e quantificáveis, não há a posse da verdade. Daí que tenha escolhido a frase de André Gide para início do trabalho.

Ninguém possui a verdade, ou a única solução. Assim o trabalho que se solicita será o de uma procura constante para aquilo que é o resultado mais gratificante da nossa profissão e a nossa realização superior: o sucesso dos nossos alunos, traduzido numa aprendizagem efectiva, não só de conhecimentos, mas também de atitudes e valores, de troca e partilha de experiências, de confronto com outras formas de ser de pensar, de participação activa e defesa dos ideais nos quais se acredita.

Alquimia, funcionará neste contexto, como sinónimo de muitas misturas, muito improviso, muito procurar, muito saber, muito modificar, com todos os ingredientes a que possamos deitar a mão, para que de facto resulte a conquista do que há tanto tempo se procura, se encontra e se perde: a Pedra Filosofal. Aquela que permite o toque especial, mas que é sempre fruto de muita pesquisa, de muito empenho, de muita inovação.

Este ponto de vista obriga-nos a não esquecer que a escola é de facto o resultado de todo um conjunto de actores, que são sem dúvida um conjunto, mas que valem também cada um por si, e certamente esta será a nossa única certeza: todos somos diferentes; e o que serve/agrada para uns, não serve/ não agrada a outros.

As múltiplas tarefas que se realizam numa escola são, e estão sempre incompletas, pois qualquer ponto de chegada não será senão um novo ponto de partida.

Capítulo I - Escola e alquimia

A palavra alquimia sugere, e remete-nos para o sentido de mistura, “mistura que visa a procura de...”

Entendo a escola nesse sentido. Ela é o resultado de uma multiplicidade de factores, de uma multiplicidade de recursos, materiais e humanos. Nela se procura o que nos “falta”. Podendo ser um ponto de encontro de novos conhecimentos, novas experiências novas relações, novas abordagens e aproximações. Devia ser, pois, um local do presente para o futuro, um local onde acontecem coisas novas e desafiadoras para novas coisas.

Se esta definição de escola, chamemos-lhe assim, parece ser utópica, não deixa para mim de ser o que eu penso que ela é, ou melhor deve ser. É algo que eu própria senti em dois contextos diferentes: como aluna e já como professora.

Gostaria de salientar e de referir, antes de mais que a escola tem que ser vista de um ponto de vista global e vista do ponto de vista de cada uma das partes que a constituem. Esta multiplicidade de partes fazem dela algo muito complexo e gerir todos esses elementos é tarefa árdua, mas que faz sem dúvida a diferença.

1- As partes e o todo

Na nossa conversa diária, e muitas vezes quando colocados numa perspectiva de pais, dizemos ou ouvimos dizer: “É uma boa escola”. Muitas vezes a conversa limita-se a esta afirmação. Contudo se perguntamos porquê, as respostas podem-se-nos afigurar o mais diversas possíveis: “Prepara bem os alunos;”; “Tem bons professores”; “Tem óptimas instalações e muito material de trabalho”; “São muito rigorosos em termos comportamentais”, etc. Cada uma destas afirmações justificava só por si novas questões, por exemplo: “Prepara bem os alunos.... para quê? ”

Com estas questões apenas quero reforçar a minha ideia que a escola tem que ser vista como um todo, mas sem esquecer cada uma das partes: o que são, o que se lhes pede, o que se garante e para que se trabalha.

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

Poderemos ter umas óptimas instalações, mas sem professores, sem alunos, sem pessoal auxiliar, não teremos uma escola: o material apodrecerá e o investimento para nada serviu.

Poderemos ter os professores mais creditados, mais motivados e mais inovadores, mas se não tivermos alunos, tão pouco teremos uma escola.

E este raciocínio realizar-se-á para todas as partes envolvidas, nas suas diferentes conjugações. A escola é um trabalho de interdependências, onde se deve procurar que surja a alquimia do conhecer. A pedra filosofal será conseguir fazer convergir os diferentes pontos de partida para um mesmo objectivo, o objectivo que é o “objectivo” da escola, de cada escola.

A Escola, cada escola, está num determinado país, numa determinada região, numa determinada cidade, num determinado lugar, e tem por isso determinadas características, deve procurar servir determinadas necessidades. Das necessidades surge a motivação, em diferentes graus e com certeza com diferentes interesses. A escola de uma qualquer povoação perdida num país de África, não tem com certeza os mesmos objectivos que uma escola situada numa cidade europeia, e mesmo entre estas as diferenças já são muitas. Contudo a alquimia é a mesma, ou seja, o aprender e o ver aprender, o ensinar e o receber, o questionar, o amadurecer a emoção, o perceber a satisfação constante das múltiplas e novas curiosidades. Quando isto não acontece, quando este gosto não existe teremos com certeza um espaço onde coabitam num determinado número de horas algumas pessoas, mas não temos uma Escola.

A Escola, cada escola deve ter um identidade e personalidade próprias, e isso só é possível se ela não for resultado da soma das suas partes, mas sim da interdependência das mesmas, se todos os que dela fazem parte trabalharem para o mesmo fim e no mesmo sentido. É claro que com diferentes estratégias, certamente com pontos de partida diferentes, mas conscientes daquilo que é a identidade da escola em que estão.

Entendo que todas as pessoas, e tem aqui a escola um papel fundamental de formação ética, actuam a partir de princípios de liberdade e de dignidade, estando simultaneamente determinadas pelas contingências de reforço impostas pelo meio. Cada pessoa, cada parte do todo tem sempre a diferença para oferecer, e é necessário que esta exista. Karl Popper dizia que gostava de pensar sobre si próprio, como aquele que está numa parada e verifica que todos os outros estão desalinhados na fila. Isto é também muito importante, a não uniformidade, a heterogeneidade.

Contudo, é para mim claro, que o ambiente permite que o comportamento de cada um possa ser orientado para determinado padrão, segundo um conjunto de linhas orientadoras e valores fundamentais. O que aqui se encontra em causa, é a possibilidade de criar um ambiente que interfira com a motivação. A parte tem que sentir desejo de pertencer ao todo. O aluno, o professor, como partes da escola, têm que identificar-se com a tarefa a realizar, e perceberem exactamente que do que fizerem e do grau de empenho com que o fizerem, o todo poderá sair reforçado, mas o inverso também se verificará, pois se existir pouco empenho, pouca motivação, haverá decréscimo da totalidade no todo que é a escola.

O todo, que é a escola funcionará como grande factor de motivação para as partes, quer pelo que oferece, quer pelo desejo que cria de pertença, o desejo de poder ocupar um lugar que satisfará as necessidades que cada indivíduo sente:

- ❑ pertença a um grupo significativo;
- ❑ possibilidade de adquirir um padrão de conhecimento e promoção do “eu”;
- ❑ reconhecimento por parte dos outros.

É evidente que manter um ambiente desta natureza, numa espiral que seja realmente construtiva e motivadora, é difícil de atingir, mas assenta também um pouco no fenómeno da bola de neve. Temos que procurar é que a neve não derreta. Não podemos deixar esmorecer as vontades e a motivação, daí referir-me ao trabalho na escola, como um trabalho de alquimia, pois exige uma atenção constante a todos os sinais e a todo o respirar da escola, exige uma inovação constante de todos aqueles a quem é atribuída a função de ensinar. A maior motivação e o maior reforço de um professor são os seus alunos, os resultados e o grau de satisfação que lhes consegue ajudar a obter, cabe-lhe pois a tarefa de investigar, procurar inventar e inovar formas de até eles chegar. Esta tarefa será sem dúvida um prazer quando estamos perante alunos motivados, que sentem que de facto a ESCOLA tem algo para lhes oferecer. A motivação do aluno permite a inovação espontânea e apetecida, porque o trabalho é partilhado e interdependente e dessa forma é recompensado.

2- Era uma vez uma escola

"Couveram-lhe, como a todos os homens, maus tempos para viver"

Jorge Luís Borges

Há um ditado popular português que diz:" pergunta ao cego se quer ver."

A partir da ironia presente neste ditado, das muitas ilações que dele poderemos tirar, podemos também pensar que todos desejamos todos queremos aquilo que nos faz falta, ou que necessitamos. A escola tem que funcionar como um lugar apetecível, o qual nos dará a possibilidade de "ver", o qual nos permitirá saciar ou mesmo incentivar a nossa natural curiosidade, a nossa necessidade de aprender. Mas aprender o que nos seja significativo e útil, sempre na perspectiva de alargamento dos nossos horizontes. A escola não pode ser um lugar de "tortura", com programas super uniformizados e conteúdos imensuráveis, para pessoas tão e tão diferentes.

Por vezes existe uma enorme tendência para compararmos o que se passa agora, com o antigamente. A História, de facto, é muito importante, sobretudo para nos recordar erros, embora para nós, seres humanos pareça difícil recordá-los. Somos supostamente o único animal que tropeça duas vezes na mesma pedra. Pelo menos, que este defeito se torne na virtude de adaptarmos e/ou reproduzirmos o que está possivelmente correcto.

Não é minha intenção, com "era uma vez uma escola" fazer a apologia que antes, qualquer que seja esse antes, era tudo óptimo, os alunos fantásticos, os professores também e que nesse sentido tínhamos uma escola fantástica . Salvaguardo esta reflexão com a frase de Jorge Luís Borges, com que inicio este ponto do trabalho. Procuro deixar clara a minha posição de não apologia pelo "antigamente é que era bom". Tudo são tempos, e como para tudo, existem melhores e piores momentos. E seguindo a lógica de raciocínio introduzida, apenas quero procurar, na minha experiência como aluna, e na minha experiência como professora, os ingredientes que senti existirem para a motivação das partes que são o todo da escola. É importante não esquecer a interdependência que é o viver e estar na escola, que não deixa de ser numa micro escala, a interdependência característica daquilo que é a vida da natureza e desta forma do próprio planeta. Em

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência termos comportamentais diz-se que comportamento gera comportamento e da mesma forma motivação gera motivação.

Cada tempo, cada geração vive realidades diversas. Dizia o poeta português Luís de Camões :” Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, e diria eu, que se assim é, têm que se mudar os procedimentos, porque modificaram-se também os valores, modificaram-se as necessidades, modificaram-se as formas de vida. Se assim não fosse, e sem querer entrar em questões cosmológicas ou teleológicas, já aqui não estaríamos pois numa mensagem encontrada num túmulo egípcio datado sensivelmente de cinco mil anos a.C. pode ler-se que: “... vivemos numa época decadente. A juventude não respeita os pais, está podre e impaciente e já não tem controle em si mesma. Troça da sensatez e da experiência dos mais velhos. Os sinais do tempo anunciam o desaparecimento do ser humano da terra.”

Esclarecido que o objectivo não é a comparação para a apologia do antigamente, foquemo-nos no que pretendo analisar:

O Antes – parte I

Não será possível analisar o antes sem fazer uma referência temporal mais específica, pois esta análise envolve também perceber a situação social e política, ainda que sem detalhes, da escola/ sociedade a que me refiro. A minha escolaridade realizou-se entre os anos 60 e 80. As referências que tenho da minha escolaridade são múltiplas e diversas e posso referenciar pontos positivos e pontos que também considerei negativos. Todos eles contribuirão para a minha pesquisa.

O período em que realizei a minha formação é marcado, sensivelmente metade por metade, de duas situações políticas e sociais opostas. Vivesse em Portugal até Abril de 1974 um regime político ditatorial e após a época revolucionária de transição, passamos para uma regime político democrático.

Não são muitas as lembranças ou a caracterização sócio-cultural do momento antes de Abril de 1974, pois não tenho uma vivência suficiente desse tempo que me permita ter uma posição crítica. Apenas poderei dizer que comparando com o após, as diferenças foram mais que muitas. Existiam todo um conjunto de normas, procedimentos e regras que criavam, e reforçavam exageradamente diferenças hierárquicas que tornavam

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência a escola bem pouco participativa e um lugar muito espartilhado. De um momento para o outro passou-se ao inverso, nada positivo também, pois vive-se num espaço em que ninguém se entendia. Afastando essas alterações, que foram sem dúvida muitas, diria que a escola era um espaço apetecível, e quando procuro perceber porquê, ocorre-me afirmar que era um espaço de referência. De referência, porque era um local onde nós alunos, podíamos ter acesso a informações, matérias e conhecimentos, que dificilmente noutro lugar podíamos obter, de forma mais fácil e acessível, exemplo, consultar um livro, ou realizar pesquisa numa enciclopédia. Para a maior parte de nós a escola funcionava também como local de encontro com os amigos, espaço de crescimento e identificação social.

É claro que nem tudo era óptimo, o espaço de diálogo entre professores e alunos era por vezes reduzido, a realização de actividades extra-curriculares ou de projectos era escassa. Mas sentia-se, esse é o meu entendimento, que a escola tinha uma identidade. Estudar fazia sentido, ir para a escola dia-a-dia não era tarefa penosa, não se sentia que era uma actividade realizada em vão. Eram significativas as aprendizagens, sentia-se que havia sempre uma exigência de ultrapassar o patamar em que nos encontrávamos e isso funcionava como um desafio, que gostávamos de vencer. Existia brio nos trabalhos realizados. O reconhecimento que daí advinha era significativo, importante e válido.

A análise é subjectiva, reforço mais uma vez esta ideia. O exposto não se enquadraria em qualquer inquérito de opinião ou estudo estatístico. De uma forma geral senti que a escola criava motivação nos alunos, essencialmente pelo facto de ela por si própria representar, promover e fornecer algo de que sentia necessidade: valores, novas realidades, conhecimentos, relações interpessoais. Gostaria também de salientar que, esta motivação a que me referi e seguindo um pouco a distinção sugerida por Novak, a situaria naquilo que ele denomina de “motivação por engrandecimento do ego”, isto é, aquela em que reconhecemos que estamos a progredir e que vamos melhorando e aumentando as nossas competências. Será correcto referir também, e seguindo ainda a mesma perspectiva, que a escola se apoia também no uso de motivação aversiva, isto é, apoia-se em toda uma série de consequências negativas e punitivas, que todos procuravam evitar. Este tipo de estratégia tinha nesta altura a sua eficácia.

É certo que ir à escola não era coisa para todos.

Reflectindo por comparação I

A escolaridade não era obrigatória, nem todas as famílias tinham possibilidades de colocar os seus filhos a estudar, quer por razões económicas, quer por razões culturais. Nesta contingência refira-se o caso dos filhos mais velhos, que muitas vezes tinham que contribuir com o seu trabalho para o sustento da família. A escola era apenas para alguns.

Neste sentido era muito elitista e nem tão pouco existia qualquer tipo de referência ou preocupação com a multiplicidade de diferenças. Este é certamente um aspecto negativo a apontar. Julgo contudo, que um dos factores que criaram uma situação de crise em todos os sistemas de ensino, ainda que em tempos históricos diferentes, foi exactamente a obrigatoriedade, sem à partida se terem criado condições de trabalho diferenciado, sem se terem criado perfis daquilo que a escola deveria passar a ser.

Creio que todos sabemos ser absolutamente penoso, para quem quer que seja, ter de realizar uma tarefa para a qual não se encontra motivado, ou que esteja obrigado a realizar o que quer que seja sem entender muito bem para quê. Se acrescermos a este facto o tempo alongado em que a tarefa se desenvolve temos com certeza problemas acrescidos. Estes problemas situam-se quer no que diz respeito ao sucesso na tarefa, à eficácia dos objectivos, às actividades realizadas na escola, quer no que diz respeito ao tipo de comportamentos que se começam a verificar. A estes problemas acrescentam-se as consequências para as pessoas envolvidas em todo o processo: frustração, desmotivação, baixa auto-estima, entre muitas outras situações.

O Antes – parte II

Iniciei a minha actividade profissional ainda nos anos 80, como professora de Filosofia, numa Escola privada, que leccionava cursos Profissionalizantes, ou seja cursos, de ensino secundário, que no nosso sistema de ensino (cf.anexo1) correspondiam, e continuam a corresponder ao 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, vocacionados para a integração dos alunos no mercado de trabalho. Estes cursos tinham estágio integrado. Esta escola foi a primeira escola privada a lecionar este tipo de cursos, criados em Portugal no

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência ano de 1981, procurando reabilitar a extinção verificada após Abril de 1974 dos antigos cursos profissionais, das denominadas Escolas Industriais e Comerciais.

A maior parte dos alunos que escolhiam este tipo de cursos, eram alunos que há muito tinham concluído a escolaridade obrigatória (que em Portugal corresponde ao 9º ano - 3º ciclo de estudos), que tinham estado já a trabalhar, mas que sentiram num determinado momento, que mais do que um emprego, que pelas habitações que tinham era precário, necessitavam de uma profissão, necessitavam de apostar na sua educação. Constituíam deste modo uma população discente, com quem era fácil trabalhar pois estavam motivados, tinham objectivos bem definidos a atingir, aliados a bons hábitos de trabalho. Nesta altura não era prática pedagógica, pelo menos obrigatória, a realização de trabalhos de projecto ou de interdisciplinaridade, a que anos mais tarde se dará em Portugal o nome de Área Escola. A realização de actividades extra-curriculares era decorrente de uma organização natural e consequência do grau de envolvência que professores e alunos tinham na escola. Desde sempre se organizaram na escola exposições/ mostras de trabalhos realizados pelos alunos em contexto de aulas. Eram de facto exposições que exigiam grande empenho e eram momentos onde efectivamente se sentia o envolvimento dos alunos e o genuíno contentamento do trabalho por eles realizados. Nesse sentido foram sempre actividades com enorme valor educativo e de referência para a formação dos alunos, pois como é evidente são estas situações que implicam a movimentação de uma escola em termos materiais e humanos. Criam um sem número de situações que implicam e promovem o desenvolvimento de capacidades como sejam as de : trabalho em equipa, gestão de conflitos, organização, entre outras.

O mesmo se refira em relação às actividades extracurriculares, fossem elas de cariz desportivo ou festivo. A adesão era por si só um facto e não seria necessário uma grande divulgação, controlo ou organização detalhada. As coisas aconteciam naturalmente.

Reflectindo sobre a experiência vivida, julgo compreendê-la, ao atribuir, ou melhor, ao classificar “esta escola” como um lugar de referência. Repito a experiência, agora como professora.

Como já referi e voltando a insistir na ideia, sendo a escola um lugar de interdependências, o trabalho de cada um dos seus elementos, manifesta-se e reflecte-se no todo. É evidente que nesta minha análise não estou a particularizar situações, quer no que diga respeito a alunos ou a professores, falo sim do ambiente geral que existia e que

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência caracterizava a escola, gostaria de insistir na ideia da diferença e da não possível, pelo menos no meu entender, homogeneidade, pois nem é para ela que a escola se deve constituir.

Em jeito de conclusão, esta escola em que iniciei a minha actividade docente, e na qual continuo, era uma escola que respondia às necessidades dos alunos que a procuravam. Era uma escola com salas e equipamento técnico adequado para os cursos leccionados, com alunos motivados e com um ambiente de trabalho do qual palavras como “falta de respeito”, “desatenção”, “falta de assiduidade”, “desmotivação”, “irresponsabilidade” ou falta de brio eram bem raras ao vocabulário do dia a dia. Os alunos aceitavam e correspondiam aos desafios. Os professores sentiam-se satisfeitos e realizados com o seu labor. Havia patamares a vencer, era este o grande gozo, existia alquimia.

Reflectindo por comparação II

Nesses momentos a escola era um lugar de referência e de uma forma geral todos, tem acesso a ela de modo mais fácil. Economicamente existiam outro tipo de apoios, culturalmente as pessoas sentiam o direito à sua formação e a melhores expectativas de vida, que já não eram só para alguns. A escola parecia ser um veículo capaz de oferecer esta melhor expectativa de vida, quer em termos económicos, quer em termos culturais. A sua forma de actuação, as novas pedagogias e um estilo diferente de ser professor, que já não passava pela postura magistral, fez desta escola um local de formação, de convívio, de troca e partilha de experiências. Existia e vivia-se ordem e respeito, o trabalho de cada um de nós, e falo como professora, era um trabalho do qual ainda sentíamos resposta positiva. Sei que a visibilidade do trabalho do professor, tem por vezes um tempo de retorno bastante grande, mas o efectivo trabalho realizado com a maior parte (não a totalidade) dos alunos era por si uma gratificação do trabalho e investimento.

É claro que muitas das ideias, que tinham surgido na Europa e antes disso nos Estados Unidos, sob a concepção de sucesso e os modelos conceptuais de Escola, incluindo a filosofia das Escolas Inclusivas (Declaração de Salamanca 1994), ainda estavam longe do nosso horizonte, ou melhor, não do horizonte, mas da prática educativa e neste caso não me refiro à prática de cada um dos professores, mas da própria organização curricular e da estrutura do nosso sistema educativo.

3- A escola do desencantamento

Diria que situo o início deste processo nos anos noventa. A escola onde continuo a trabalhar, continua nessa altura também a leccionar cursos de carácter profissional com os diferentes figurinos que lhes foram dados pelas sucessivas reformas e alterações curriculares. Os cursos começam a ter uma população mais jovem, os alunos que procuram agora os cursos técnico profissionais e posteriormente os cursos tecnológicos situam-se na faixa etária dos 15, 16 anos. São alunos que chegam à escola sem saber muito bem o que procuram. Muitos deles continuam a estudar porque os pais querem que pelo menos os seus filhos tenham uma profissão, com algum cariz, com alguma especificidade. O mercado de trabalho é de difícil acesso, há falta de empregos para jovens sem qualquer formação e estes são jovens com expectativas e exigências de trabalho com alguma qualidade e com uma remuneração adequada às suas necessidades. Necessidades estas decorrentes das próprias expectativas sociais e do querer realizar trabalhos que não sejam indiferenciados ou os ditos trabalhos “pesados”. O ensino superior é uma via que sabem não ser para todos. A escolaridade cumprida até ao momento que entram para a escola corresponde, no nosso Sistema de Ensino, à escolaridade obrigatória (9ºano de escolaridade) e é por vezes deficiente. Não crêem muito nas suas possibilidades e capacidades. A falta de auto-estima e motivação, fazem da população escolar um conjunto de indivíduos que vai à escola sem saber muito bem porque e para que o faz. Não sabem muito bem o que pretendem fazer e para onde querem ir. A escola é um compasso de espera para qualquer coisa que há-de vir, indefinida, incógnita.

É neste contexto que começo a sentir a alteração progressiva do ambiente da escola, a sua descaracterização.

A escola não consegue, nesse momento perceber estas indefinições dos alunos, não tem meios nem procedimentos para encontrar respostas para perguntas que nem tão pouco conseguiu ainda formular. Começa a sentir dificuldade em organizar actividades nas quais os alunos participem com agrado e empenho, mesmo as actividades extra-curriculares têm que ser muito estruturadas, transformando-se em mais um momento “aborrecido” do que propriamente num espaço no qual possa ser explorada uma relação diferente e mais participada dos elementos da comunidade escolar.

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

A falta de assiduidade aparece como inimigo terrível de qualquer estratégia que se possa delinear. De facto estratégias podem ser sempre pensadas e delineadas, mas, se os alunos não aparecem, como as vamos implementar?

A principal preocupação está em delinejar uma estratégia que combata, antes de mais, as ausências à escola. O abandono da escola é uma constante e o modo como os alunos trabalham modifica radicalmente. Há falta de brio, os trabalhos se se fizeram, fizeram, se não se fizeram é a mesma coisa. Começam a surgir sinais de evidente desconforto nos alunos. Estes sentem que a escola nada lhes tem para oferecer, mas também não sabem o que procuram. Os professores sentem que existe desadaptação e surgem os primeiros sinais de desorientação, que provocam movimentos em sentidos contrários. Professores há que sentem ser imperativo mudar procedimentos, conteúdos, currículos, estratégias, materiais, disposições físicas da própria escola, outros entendem que são os alunos que têm que querer trabalhar. Cada um puxa para seu lado, e desta vez não estamos perante meras consequências sociais do desenvolvimento dos diferentes papéis, estamos perante uma realidade profundamente sentida. A todo momento parece que alguma coisa se vai partir. Cada um puxa para o seu lado, mas sem uma convicção profunda. Não há norte, não se encontra sentido ou direcção a seguir. Começa a ser difícil trabalhar desta forma é desesperante e frustrante olharmos para alunos que se enfiam pelas cadeiras abaixo, que ironizam e não respeitam o trabalho desenvolvido, seja o trabalho dos professores, seja dos seus próprios colegas. A insolência e a falta de respeito começam a fazer parte do dia-a-dia das conversas entre professores e dos sucessivos Conselhos de Turma. O clima que se vive não é o de partilha de conhecimentos, procedimentos, mas de um constante medir forças.

O ambiente que tinha vivido até aí, começa a modificar-se. o ambiente de colaboração e partilha, caracterizado pela definição clara de diferentes papéis, com interesses e comportamentos sociais e culturais típicos que conduziam, por exemplo a expressões como “A Escola é uma chatice”; “Os professores dão-nos cabo da cabeça”; ou “Estes alunos são impossíveis, estudam pouco”, não passavam de meros desafabos e faziam parte da heterogeneidade de cada um dentro do contexto escolar, não passavam de meros mimos. Só que, pouco a pouco, destes mimos passa-se à vivência real da situação. Os professores entendem que efectivamente enfadam os alunos, que a escola não tem nada para lhes oferecer. Para além disto quando cada um de nós, professores, se

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência interrogava sobre o que é que os alunos vinham então fazer à escola, estava a perguntar-se o que é que socialmente tinha mudado e o que é que proporcionalmente não tinha mudado na escola. Não conseguíamos acreditar que tinha existido um surto de uma qualquer doença que provocasse este tipo de comportamento e sentimento tão generalizado nos alunos.

Tal como tenho vindo a referir desde o início, a interdependência é a realidade da escola como estrutura da alquimia, é a base do fenómeno de bola de neve, que se aplica ao bom, e ao menos bom: alunos desmotivados, professores desmotivados, escola absolutamente incaracterística, sem função qualquer que nela se possa identificar.

Todos os valores ou são vividos com efectividade no dia a dia, quer pela prática docente, quer pela prática discente, ou então para nada servirá ter um fabuloso dossier cheio de Planos de Actividades, estratégias de recuperações, planos de acompanhamento e um sem número de reuniões, pois nada pega, nada faz sentido. É como procurar juntar azeite com água.

Necessário seria inverter o modo como todos sentem o espaço escola. Na minha opinião, isto passa pelo modo como se concebe o próprio Sistema de Ensino, currículos, modos de organização e gestão das escolas assim como pela própria prática docente, não só no modo como se veiculam os conhecimentos, mas também na relação interpessoal que se cria com os alunos. Como, a história nos vai mostrando ao longo dos tempos, nas mais variadas situações, sendo as revoluções exemplos claros do que pretendo afirmar, passamos muitas vezes de uma determinada situação com determinadas características, para situações absolutamente opostas: Antes, (qualquer que seja neste momento o antes) a escola era a escola, contestar a escola os seus procedimentos e a figura magistral do professor, era tarefa impensável. Num segundo momento, (qualquer que seja este momento posterior) é exactamente o contrário, a escola é um lugar a evitar, entre lá ir ou não ir é exactamente a mesma coisa. A escola é vazia de poder, ou melhor, de credibilidade. O mesmo se aplica aos professores, porque não!

O momento de equilíbrio que acho que vivi esfumou-se em pouco tempo.

O lugar de cada um, os valores que cada escola deve e tem obrigatoriamente que ter, que são a sua base e a sua estrutura, as posições hierárquicas e o respeito mútuo dentro duma relação entre pessoas, é tarefa de alto grau de complexidade, mas é o caminho que conduzirá, julgo eu, ao processo de alquimia que deverá acontecer nas escolas.

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

O panorama agrava-se no decorrer dos anos noventa quando a escola teve que adoptar os novos figurinos dos cursos Tecnológicos.

Estes exigiam para sua conclusão a realização de um conjunto de exames a nível nacional, para efeitos de conclusão dos cursos, exames estes que serviam simultaneamente para todos os alunos que pretendesse realizar acesso ao ensino superior.

Esta fase da escola, fez-me perceber com evidência que é necessário ser claro no que se oferece, que é necessário criar uma identidade da escola, definir os valores com que se trabalha, criar estabilidade e segurança. Caso contrário será grande a desmotivação e a incapacidade para trabalhar. A escola não pode ser um campo de batalha, um campo onde se jogam jogos de interesse e contra razões, que não os inerentes ao próprio processo de aprender.

Tudo isto me levou a perguntar, a procurar o que poderia fazer, que procedimentos poderia alterar, que estratégias implementar que me permitissem encontrar uma forma de modificar o panorama relativo ao comportamento dos meus alunos, particularmente no que se refere à sua motivação, pois era, e é com alguma apreensão, que olho para jovens que dão a sensação que a vida já lhes passou, que nada é com eles ou para eles e desta forma não é a eles que diz respeito. A desmotivação é contagiente, altamente contagiente, e progressivamente permite que se instalem sentimentos e procedimentos de “deixa andar”. Repetindo-me, reforço a ideia das interdependências como registo e pauta do viver de uma escola, neste momento sentida no menos bom das suas consequências.

Que estará ao nosso alcance fazer desde já, com os materiais e recursos que temos?

Foi esta necessidade de procura, esta necessidade de continuar a acreditar no que entendo que a escola deve ser, o tal espaço privilegiado de alquimia, no qual se procura a semente da constante “procura”, que me impeliu a alargar horizontes, a buscar novas e diversas abordagens e práticas.

Concorrem para este processo de procura de novas práticas e respostas, o curso em Intervenção em Dificuldades de Aprendizagem, bem como a reflexão sobre a minha própria experiência. Procure com elas encontrar, alguma forma, de inverter o desencantamento.

Capítulo II – Os elementos para a alquimia

Importa agora saber o que será necessário alterar para procurar inverter o que se sentia, momento que a escola começava a viver.

Pela prática e pelos muitos ensinamentos que dela retiramos, era evidente que não passava pela modificação de actuação de um só professor. Um só professor não faz uma escola, um só professor não muda a actuação. Sentia ser necessário outro tipo de movimentação, para fazer girar a roda das interdependências. Não estaria a questão remetida à mudança de um sistema educativo, à mudança de currículos ou programas. É claro que o problema é muito vasto, e pode ser analisado segundo diferentes pontos de vista e implicará a alteração de toda uma série de situações, algumas das quais as referenciadas anteriormente. Mas afinal, a que me refiro, quando tão vagamente falo de diferentes situações? Com o risco de me repetir, sinto necessidade de reforçar esta ideia, pois considero-a fundamental: **a escola é o todo de partes**. Assim sendo é necessário alterar um pouco, ou muito, em cada uma delas. Mas mexer nelas todas de uma vez pode significar desestruturar. Seria necessário procurar um ponto de partida, um ponto que estivesse mais ao nosso alcance. E esse talvez dissesse respeito aos **procedimentos**, na tentativa de modificar o comportamento dos nossos alunos, motivando-os. Sabemos que este tipo de modificações não se faz de um dia para o outro e por vezes não estão, tão pouco, dependentes da nossa própria vontade. Trabalhamos com as vontades dos outros e com todo um conjunto de leis, regras e estruturas, nas quais não podemos mexer assim tão facilmente.

As alterações tinham que ser feitas no que estivesse ao nosso alcance, e talvez o caminho a seguir fosse procurar modificar o modo como organizamos e vivemos o nosso dia-a-dia na escola, procurando que esse espaço fosse um lugar significativo e de referência, um lugar que pudesse oferecer aquilo que se procura, e que desta forma pudesse modificar o tal desconforto que se vinha começando a sentir, no que se refere ao comportamento e falta de motivação dos nossos alunos.

Não será novidade que o partilhar conhecimentos e o procurar novas perspectivas é sem dúvida uma mais valia, estejamos a falar de qualquer área que seja. Foi deste modo muito importante para mim as abordagens múltiplas e variadas a que fui tendo acesso na

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

formação realizada na área de Intervenção em Dificuldades de Aprendizagem.

Se de facto o que me moveu foi essencialmente, um problema de comportamento, assente na falta de motivação, sem dúvida que todos os procedimentos dos quais tive conhecimento, de realidades que não são com as que lido todos os dias, e das quais tenho muito pouca experiência, pois nunca tive nenhum aluno que tivesse uma menos valia física, ou intelectual profunda, foram de uma utilidade extrema pois reforçaram e apontaram para o caminho do continuamente procurar investir em novas estratégias e procedimentos, que por vezes nem tão pouco estão na capacidade material de comprar equipamento, mas sim no inventar e reciclar, chegando às necessidades dos alunos com quem temos de trabalhar.

É muito importante, neste momento, ter no horizonte a concepção de “Desenvolvimento Próximo” de Vygotsky, alargando-a ao trabalho com adolescentes, pois é no meu entender uma realidade, o facto de não podemos exigir ou fornecer informação que o aluno não esteja preparado para dar ou para alcançar. Será essa a primeira fonte de desânimo. Sem dúvida, é fundamental que a formação/ a aprendizagem, impliquem e induzam progresso. Essa é a sua essência. Mas chegar a um patamar superior, implica que se tenham adquirido capacidades, conhecimentos e procedimentos que isso permitam. Pretende-se que uma criança de 2 anos, por exemplo, desenvolva a sua motricidade fina, mas com certeza não começamos por lhe pedir que corte linha e a enfile numa agulha. E atendendo a todas as circunstâncias que ao longo do trabalho tenho vindo a expor, os alunos que chegam hoje em dia, ao nível de ensino no qual trabalho, não têm de facto os mesmos níveis de desenvolvimento, os mesmos conhecimentos, a mesma motivação nem tão pouco as mesmas expectativas, e todos estes factores juntos, fazem da nossa tarefa uma tarefa complexa, que exige uma grande plasticidade e mobilidade de procedimentos.

Começaria, então, e para concretizar tudo o que foi pensado e tem vindo a ser implementado, por analisar os vários elementos pelos quais se caracterizará o que acho que é a ESCOLA.

1-Caracterização da escola

A escola à qual me refiro fica situada no centro da segunda cidade do país, a cidade do Porto, capital da Zona Norte. É uma escola privada e a entidade proprietária da escola é uma Instituição de Solidariedade Social.

Os alunos desta escola, e porque nela se leccionam cursos profissionais financiados pelo Fundo Social Europeu, têm direito a subsídio de alimentação e transporte, e não pagam qualquer tipo de propina, pois tem sido esse um dos princípios da Instituição, aplicável aos outros sectores de ensino que ali funcionam.

O espaço físico da escola é disperso por um conjunto vasto de edifícios, pois este não foi construído de raiz para ser uma escola, tendo havido necessidade da referida dispersão, até porque se leccionam cursos que exigem Laboratórios com determinadas dimensões. A pesar de ter referido a grande dispersão pelos diversos edifícios, tal não identifica a escola como uma grande escola. Os nossos alunos nunca ultrapassam os 150.

O conjunto de edifícios onde nos encontramos, faz do espaço, um espaço amplo, mas desagregado. Não tem zonas verdes, nem grandes pátios ou campos ao ar livre onde os alunos possam permanecer. É, nesse sentido, pouco característico ou acolhedor. Tem todas as características de um espaço que se situa no centro de uma grande cidade, no meio do rebolço e é essencialmente um lugar de passagem. As suas instalações não são novas, mas possui recursos materiais que permitem práticas lectivas diversificadas, recorrendo-se neste campo a alguma “engenharia” de imaginação e reciclagem.

2-Caracterização dos alunos

Verifica-se que muitos dos alunos que escolhem o ensino profissional são alunos que têm um percurso escolar irregular, quer porque tendo progredido para o ensino secundário (10º, 11º e 12ºano), e não tendo obtido sucesso decidem iniciar um novo processo e procuram deste modo um curso Profissional, quer porque foram retidos sucessivos anos na escolaridade básica e optam por esta via para completarem a sua formação.

Feita uma análise às características (idade / nível de escolaridade) aos 126 alunos que se candidataram no ano lectivo 2003/2004 aos cursos leccionados na escola verifica-se

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência que 47.2% dos alunos têm entre 15 e 16 anos e acabaram de concluir a escolaridade básica; 26.3% têm entre 17 e 18 anos e concluíram também no ano lectivo transacto a escolaridade básica. É evidente que este é um percurso marcado por sucessivas reprovações e por vezes com problemas de falta de assiduidade associados. (cf.anexo2) Preocupante é também o elevado grau de insucesso em disciplinas como o Inglês (39.6%); Matemática (34%); Física e Química (26%) e Português (19%), dos alunos candidatos. Insucesso que se afigura significativo só por si, mas que se agrava atendendo a que dois dos cursos leccionados são em áreas tecnológicas (Electrónica e Informática). (cf.anexo3)

A escola tem sempre que realizar uma selecção, pois só tem capacidade para receber cada ano 66 novos alunos. O processo de selecção é sempre algo complexo e obriga-se a alguns critérios sócio-económicos, procurando também prestar auxílio a alunos que tenham uma maior necessidade social, de encontrar um rumo e profissão. É óbvio que esta tarefa se complexifica, atendendo à caracterização da população escolar atrás referida, pois os cursos profissionais são fortemente vocacionais, já que incidem sobre áreas específicas, e tal como referi os critérios de selecção da escola não assentam unicamente em pressupostos académicos, seja no que diz respeito à determinação de um perfil vocacional como pré-requesito, nem nas classificações obtidas na escolaridade precedente. Importa salientar, algo a que anteriormente me referi, que é a ausência, em muitos alunos, de clareza na escolha do curso e também nas razões dessa mesma escolha.

Diria, em forma de conclusão, que os alunos que escolhem a escola em análise são alunos que em elevado número:

- têm um percurso escolar anterior caracterizado por insucessos;
- têm poucas expectativas em relação às suas próprias capacidades;
- trazem, ainda que indevidamente, a ideia que o ensino profissional é o caminho mais “fácil”¹ para as capacidades que têm.
- têm, por vezes, pouco clara a opção relativamente às áreas por que optam.
- têm expectativas demasiado elevadas relativamente ao futuro profissional.

1- Fácil para estes alunos conota-se unicamente com o nível cognitivo. Poucos estão preparados para padrões de comportamento, assiduidade e empenho, tão característicos deste tipo de cursos.

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

De todas as situações que surgem a partir dos elementos que considerei caracterizadores dos alunos, e que acabei de enumerar, são também válidos os paradoxos daí provenientes e que criam as irregularidades no funcionamento e no comportamento, a que me tenho vindo a referir como causas da escola do desencantamento. Saliento, por exemplo, o paradoxo que se cria no que diz respeito à análise das expectativas, por um lado no que se refere, às suas capacidades e por outro ao sucesso profissional.

Verifica-se que os alunos têm poucas expectativas relativamente às suas capacidades, ou porque repetiram anos anteriores, ou porque procuraram progredir estudos na via de ensino e não conseguiram, ou porque concluíram o 9º ano com negativas, mas procedem como já tivessem adquirido uma formação e têm expectativas altas de sucesso profissional. Numa linguagem mais informal e exagerada diria que entendem que o facto de estarem matriculados é só por si 95% de garantia para que o curso seja concluído.

Depreende-se desta análise todos os problemas que se podem colocar, quando estes jovens são confrontados a ser cumpridores relativamente à sua presença na escola, quando se lhes solicita determinada postura e/ou comportamento e que progridam e evoluam.

3 - Caracterização dos Cursos profissionais.

Os cursos profissionais são um subsistema do ensino secundário. O ensino secundário em Portugal é composto por 3 anos e não é ainda obrigatório.

Os cursos profissionais têm também a duração de 3 anos, findo os quais aos alunos são conferidos dois diplomas: um profissional e outro de fins de estudos secundários. Estes cursos permitem o acesso ao ensino superior, mas a sua principal finalidade não é a preparação dos alunos para o prosseguimento de estudos, mas sim a preparação, técnica e humana dos jovens, com vista à sua integração no mercado de trabalho, onde possam desempenhar profissões para as quais adquiriram competências.

A organização curricular estrutura-se numa matriz de 3600 horas de formação, ao longo dos três anos, com três componentes: sociocultural, científica e técnica. Os alunos, geralmente no último ano do curso, realizam um estágio em contexto de trabalho e têm de apresentar um trabalho de projecto que se denomina de Prova de Aptidão Profissional.

Os conteúdos programáticos estruturam-se modularmente pelo que a avaliação é também modular. Privilegiam-se nestes cursos as práticas, quer no que diz respeito à componente técnica das disciplinas com um número elevado de aulas de laboratório e oficinas, quer no que diz respeito a todas as outras disciplinas que concorrem com procedimentos que proporcionem a realização de trabalhos de projecto, relatórios, pesquisa e organização de informação, entre outros procedimentos. São cursos com uma exigência elevada no que diz respeito à assiduidade, pontualidade, empenho e disponibilidade.

Presumo que estes ingredientes sejam fundamentais para realização de qualquer tarefa que queiramos realizar com sucesso e com efectivo proveito. Como tal verifica-se que são incompatíveis estas exigências, com desmotivação, com falta de empenho, com a atitude de “nada há a fazer” pois “já está tudo feito”.

O ensino profissional tem pois ingredientes, componente prática, mobilidade e maleabilidade de procedimentos e conteúdos, porque se estrutura modularmente, que poderiam ser a partida elementos de motivação para os alunos. Esta é a minha convicção. Se fosse só pela existência dos cursos profissionais com as características que lhes atribuo, que se faz uma escola, estaria, quem sabe o problema resolvido, mas como assim não é, pois existe a confluência doutros elementos, alguns deles já caracterizados, teremos que continuar a procurar a justa medida de como cada um tem de estar, tem de dar e tem de receber.

4 - Caracterização dos professores

A escola tem um corpo docente que se pode considerar estável. Sendo uma escola particular tem de recorrer a professores que trabalham noutros estabelecimentos de ensino, facto que cria algumas dificuldades, no que diz respeito nomeadamente, à disponibilidade de tempo. Acrescente-se também o facto de algumas disciplinas exigirem técnicos cuja actividade principal não é a de professor, facto que não tem que ser obrigatoriamente uma menos valia, mas que impõe algumas condicionantes, essencialmente de carácter prático.

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

De uma forma geral, e como já anteriormente referi, o desencantamento a frustração na tarefa realizada, a falta de resposta positiva, por parte dos alunos, passaram a dominar e a dificultar as nossas actuações. O modo como cada um de nós reage a essa nova situação é absolutamente diverso. E mais do que avaliar o que cada um de nós fez, ou faz, importa, no meu entender, criar uma dinâmica de actuação na própria escola, para a qual possamos todos contribuir, com as diferenças que nos são inerentes, mas ligadas por um fio condutor comum, que é o fio da identidade própria da escola, de cada escola.

Este fio será reforçado pelo trabalho e pela actuação de todos e será construído naqueles valores que temos que determinar como estruturantes. Muito difficilmente será possível, dar-mos aos alunos razões que criem motivação para uma escolha efectiva, se não conseguirmos ser claros no que temos para oferecer e no que se espera com isso obter. A nossa tarefa não fica, na maior parte das vezes, pela entrega do saber que nos torna proficientes numa determinada área, mas pelo que de segurança, acompanhamento e formação podemos por vezes dar aos nossos alunos e antes de mais na clarificação das suas próprias escolhas e expectativas.

Como se tem vindo a verificar os alunos com quem trabalhamos todos os dias, são muito heterogéneos e é por isso complexo encontrar estratégias, procedimentos que a todos eles cheguem. Se assim não fosse talvez não existisse este desencantamento, pois cada um já teria com certeza encontrado a sua estratégia. Mas a solução desta situação não passa pela estratégia mais ou menos brilhante de cada um, ou pela simples aplicação, aqui ou além, de qualquer estratégia de modificação de conduta. Será então de pressupor que se **todos**, pela sua actuação, conseguirem fazer com que na escola se viva segundo determinado tipo de valores, que importa definir muito clara e objectivamente atendendo não só aos valores entendidos numa perspectiva universal, mas também particular, tendo nesta perspectiva em linha de conta as circunstâncias nas quais se trabalha e com quem se trabalha, será talvez possível inverter este processo de desmotivação com todas as consequências que lhe são inerentes e já anteriormente referidos.

5 - Caracterização da família

A família é sem margem para dúvidas um factor fundamental, em todo este processo que envolve a formação e sobretudo a educação. Não importa aqui referir com detalhe as características das famílias dos nossos alunos. No anexo 3, poder-se-á proceder a uma breve análise de um estudo levado a cabo no ano lectivo 2002/2003, realizado pelos alunos no âmbito da disciplina de Matemática, (cf.anexo3) e que permite algum referencial, analisando apenas as habilitações literárias dos pais. Não há lugar a especulações, pois estes dados só por si podem não ter um significado objectivo. Importa apenas referir, que é sempre objectivo primordial procurar envolver o mais possível os pais na realidade da escola e no percurso dos seus filhos. A tarefa não é fácil. Procurar pelas razões desta dificuldade implicaria uma análise sociológica da própria transformação do conceito de família, das implicações do alargamento do número das famílias monoparentais e do desenraizamento que isso implica, entre muitos outros factores.

Certo é que o esforço de envolvimento dos pais na escola e o acompanhamento que podem prestar aos seus filhos nas suas actividades escolares são factor determinante para o sucesso de todo e qualquer Projecto Educativo. Sabemos, que o desenvolvimento afectivo harmonioso é factor fundamental de todos os outros aspectos daquilo que são as características próprias ao ser humano, quer estejamos a falar do ponto de vista cognitivo, motor ou social. Ora, este primeiro vínculo afectivo vem da família, está supostamente na família, e isso reflecte-se em cada indivíduo enquanto aluno da escola, de qualquer escola.

Mais do que particularizar uma realidade sobre as famílias dos alunos da escola, importa apenas referenciar que é sempre fundamental encontrar todo um conjunto de procedimentos e estratégias que envolvam também os pais, nem que isso passe apenas num primeiro momento, por alguma flexibilidade no atendimento.

Capítulo III – A Escola

Após ter caracterizado os diversos elementos para aquilo que chamei alquimia, e cruzando-os agora, com todas as reflexões que fui realizando, importaria, para além de apresentar e caracterizar o projecto² que foi posto em marcha para a “reconstrução da escola”, referenciar alguns conceitos ou referenciais teóricos, se assim lhe quisermos chamar, que funcionam de alguma forma, como elementos estruturantes do que se pretendeu e se vai pretendendo pôr em prática. Refiro-me ao objectivo, já evidenciado, de criar um ambiente na escola que permita por sua vez, a modificação do comportamento dos alunos, naquilo que vão sendo as manifestações da falta de motivação, já anteriormente evidenciadas.

1-Referenciais teóricos

❑ A zona de desenvolvimento próximo de Vygotsky

A zona de desenvolvimento próximo de Vygotsky é um conceito central na sua teoria, com o qual o autor define a discrepância entre o desenvolvimento actual da criança e o nível que atinge quando resolve problemas com auxílio de um adulto.

“Partindo deste pressuposto considera-se que todas as crianças podem fazer mais do que conseguiram fazer por si sós”.³

São pois o meio, e a relação interpessoal, muito importante para que o nível de desenvolvimento potencial (aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de um adulto) possa passar a um nível de desenvolvimento actual, (aquilo que vai poder passar a fazer por si) feita sempre a análise do já referido conceito de zona de desenvolvimento próximo.

2- É importante referir que este é um projecto de uma equipa. No ano de 2002 a nova Direcção Pedagógica da escola, da qual faço parte e na qual ocupo o cargo de Directora Pedagógica, deu início a este projecto.

3- Ofélia Libório “ Partilhar para crescer” – Boletim das ECAE, nº0, Ano 1 – Dezembro 2000- pg. 12

À luz dos conceitos referidos anteriormente, concluo que a escola deva trabalhar, naquilo que se refere aos conteúdos curriculares, promovendo um ensino para estádios de desenvolvimento não incorporados ainda pelos alunos, mas que devem estar na zona de desenvolvimento próximo, ou seja, tendo como ponto de partida o nível de desenvolvimento real do aluno.

*“A aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, e assim sendo a escola tem um papel essencial na construção de ser psicológico e racional”.*⁴

O meio onde se realiza este processo, ou seja neste caso em análise a escola, deve caracterizar-se como um ambiente de *estímulo* para que o sujeito possa desenvolver os seus aspectos cognitivos. Os factores intervenientes nesta análise e na avaliação do que é a já referida zona de desenvolvimento próximo, são múltiplos, tantos quantos os alunos com quem se trabalha.

Esta concepção de Vygotsky fornece-me uma base, pelo menos da análise que eu realizo, para ter como horizonte de trabalho face aos alunos da escola que tem vindo a funcionar como referência.

Embora a análise construtivista de Vygotsky, referindo-se ao desenvolvimento das crianças no seu processo de desenvolvimento cognitivo e psicológico se afaste da faixa etária a que me refiro, entendo que os conceitos em que se baseia são válidos para funcionarem como ponto de partida para o trabalho que se pretende realizar tendo em vista a não desmotivação dos alunos.

Não é objectivo deste trabalho, nem tão pouco é seu âmbito, uma análise do que são, de como trabalham os níveis de escolaridade que precedem o nível de ensino secundário no qual a escola de referência trabalha. Mas é importante apenas referir que se constata que os alunos que chegam ao 10º ano de escolaridade, com idades diversas, possuem também um conjunto de capacidades e conhecimentos também muitos diferentes. Ora são estas capacidades e conhecimentos que os alunos possuem como alicerces, mais ou menos sólidos, para procurar adquirir todo o conjunto de novos conhecimentos e procedimentos. Este é à partida, no meu entender um factor determinante para o processo de motivação ou desmotivação dos alunos, pois ouvir/receber o que já se sabe é aborrecido e desmotivante; Ouvir/receber, o que não se é capaz de compreender é também factor de desmotivação.

4- ibidem pg. 14

O pequeno toque do novo faz a alquimia da diferença. Ora a atenção aos ditos alicerces é fundamental.

■ Condicionamento operante de Skinner

Na perspectiva comportamentalista de Skinner todo o comportamento está sujeito a mecanismos de controlo por meio de contingências de reforço de estímulos capazes de provocar uma determinada acção como resposta. Com o conceito de condicionamento operante, regista-se a ideia que “o comportamento pode ser modificado ou controlado pelas suas consequências”.⁵ “As consequências do comportamento modificam-nos num sentido desejável desde o momento em que os reforços, recompensas e punições sejam significativas para o sujeito.”⁶

Aquilo que me parece efectivamente de realçar nesta concepção, e atendendo também à evidência que temos do facto que as consequências podem, apesar de não serem um factor de inevitabilidade, condicionar fortemente o nosso comportamento, é a ideia do reforço, de recompensa. Entendo até que o castigo ou prática aversiva, é um caminho menos linear, ou menos efectivo, apesar de não significar que não possa ou não deva ser utilizado na população de alunos a que me tenho vindo a referir. Estes são jovens que se encontram ainda em processo de adolescência, mais ou menos desenvolvido, alguns deles com pouca clareza nos objectivos e opções. Assim sendo o reforço por castigo é geralmente pouco eficaz, pois é muito comum uma reacção primária, que muitas vezes só agrava a situação ou reforça o comportamento que se pretende, que não volte a acontecer. Tenho verificado pela prática que o reforço positivo, tem resultados mais visíveis e mais de acordo com o que se pretende, isto é, melhorar o vínculo do aluno às suas tarefas, e aumentar a sua motivação, pois tal procedimento conduz à valorização pessoal das capacidades com efeitos positivos na auto-estima. Entendo pois que a ideia de reforço positivo deve ser realçada em detrimento da ideia ou prática do reforço por castigo.

5 -Luis Joyce-Moniz “ A modificação do comportamento” – Livros Horizonte,2002- pg 123

6-Ibidem – pg 125

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

Entendo também, que o comportamento menos correcto de um aluno, que prejudica o trabalho dos outros que o cercam, pode procurar-se que seja controlado/modificado através da realização de trabalhos para a comunidade, realçando-se nessa determinação, por exemplo, as capacidades cognitivas que o aluno possui e que se pretende que partilhe contribuindo assim para a comunidade. É pois muito importante que se faça sempre sentir, pois isto não passa por dizer ou escrever, que a escola é um lugar de interdependências.

Importa-me também realçar, ainda no ponto de vista da perspectiva comportamentalista, a ideia de que com a organização de um meio estruturado, em que comportamentos, atitudes e valores de referência estão explícitos e implícitos na vivência do dia-a-dia, se possa *contagiar* todos os elementos desse mesmo meio, nomeadamente os alunos. Ainda, e segundo Joyce, ao referir-se à perspectiva comportamentalista: “*a aprendizagem não é um processo imediato e autónomo, mas sistemático e interdependente, graças à acção do meio que modifica ou reorganiza continuamente a repartição, duração, frequência, intensidade e classificação das respostas já existentes, convertendo-as em respostas mais complexas ou adaptadas à realidade contemporânea ao comportamento*”.⁷

A grande capacidade e o grande desafio está em encontrar os reforços adequados para que seja possível encontrar o(s) condicionante(s), que permita(m) produzir a extinção progressiva dos comportamentos indesejáveis, estabelecendo a observação de comportamentos mais positivos, que conduzam o aluno à sua realização como aluno propriamente dito e como pessoa.

É, pois, necessário ter um plano definido de actuação, caracterizador da própria escola, reflectido no seu Projecto Educativo, no seu Plano de Actividades e no seu Regulamento Interno. Isto só por si não é suficiente, pois cada indivíduo, que faz parte do todo que é a escola, tem características próprias e assim sendo é necessário determinar reforçadores que sejam para ele significativos. Acrescentando, importa referir também o factor da renovação e/ou originalidade, pois os mesmos reforços tornam-se para, a mesma população, ineficazes.

7- Ibidem – pg 143

□ Teoria da inteligência emocional de Daniel Goleman

No âmbito da teoria da Inteligência Emocional (IE), e dentro do contexto educacional, importa salientar a ideia de Goleman⁸ sob a importância de “educar” as emoções e fazer com que os alunos também se tornem aptos a lidar com frustrações, a negociar com os outros, a reconhecer as suas próprias angústias e medos, etc. Esta teoria acentua a importância da inteligência emocional, face ao tradicional quociente de inteligência, apenas referenciador das capacidades lógico-matemáticas e espaciais.

A IE é tida por Goleman como a maior responsável pelo sucesso ou insucesso das pessoas, já que a maioria das situações de trabalho, situação de contexto escolar, são envolvidas por relacionamentos entre pessoas e, assim sendo, as qualidades de relacionamento tais como a afabilidade, compreensão, assertividade, são sempre factores privilegiados de sucesso.

Está, pois, a IE relacionada com habilidades tais como auto-motivação, persistência perante a frustração, controlo de impulsos, canalizando-as para situações apropriadas. Abrange também uma dinâmica que passa pela motivação dos outros permitindo que esses outros, as pessoas, sejam capazes de desenvolver as suas próprias aptidões, tornando-se deste modo “comprometidas” com o seu trabalho e com o dos outros.

Encontramos pois em Goleman, a distinção entre inteligência inter-pessoal e intra-pessoal. A inteligência inter-pessoal diz respeito à habilidade ou capacidade de entender as outras pessoas, saber o que as motiva, como trabalham, procurando assim uma forma de o poderem fazer cooperativamente. Situamo-nos na área da inteligência emocional que permite o reconhecimento de emoção no outro, bem como a habilidade em relacionamentos interpessoais.

A inteligência intra-pessoal, refere-se à habilidade de nos entendermos a nós próprios. Exige a capacidade de auto-conhecimento, controlo emocional e auto-motivação. São pois, no meu entender, conceitos absolutamente prioritários na relação que se deve procurar estabelecer em contexto educacional e que podem, e devem ser, promovidos como “campo de treino” desta mesma inteligência.

8 – Daniel Goleman – “Inteligência Emocional” Editor Temas e Debates, Lisboa 1997

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência

Assim sendo a escola deve procurar procedimentos, situações, actividades, em que os alunos trabalhem em equipa, discutam regras, falem sobre os seus receios, expectativas, etc., pois serão oportunidades através das quais se poderá promover evolução positiva no sentido da auto-motivação e “ comprometimento” face à escola e a si próprio.

Entendo que esta teoria é muito positiva, pois chama à atenção para o facto de em contexto educacional/ escolar dever existir uma preocupação não só com a “inteligência” de cada aluno, mas também com o desenvolvimento da sua capacidade de se relacionar bem com os outros e consigo mesmo.

2-O Projecto

Caracterizar o projecto, através do qual se pretenderam, e continua a pretender-se implementar todas estas ideias que vão sendo pensadas e propostas para alterar e construir o espaço escola como espaço significativo, implica antes de mais referenciar o próprio Projecto Educativo da escola, realizando a partir daí a análise das actividades e dos procedimentos para sua consecução.

Relembro que o objectivo fundamental está em fazer com que a escola, se torne um espaço de referência e significativo, para todos os que dela fazem parte. Referi-me pois a esta escola como sendo um espaço onde possa acontecer a alquimia, pois é da conjugação de todo um conjunto de elementos, com as mais diversas características, e em constante transformação se procurará que aconteça, o que é mais natural à própria condição humana, que é o fenómeno de aprender. Este fenómeno, é um fenómeno de interdependências cujas consequências, apesar de terem impactos diferentes, são sempre o objectivo fundamental do espaço escola.

Assim sendo far-se-á uma análise dos pressupostos de trabalho, dos procedimentos tendo sempre como desafio o facto de a escola ter de ser apetecível, ter de ser um espaço com uma “ personalidade” própria. Isto faz dela uma entidade a quem atribuímos “vida”, assim sendo a primeira consequência a tirar é a de que tem que ser totalmente dinâmica e aquilo que pode servir hoje, pode não servir para amanhã, o que se adapta bem a um

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência conjunto de alunos, pode não adaptar-se a outro.

O desafio é grande a capacidade de delinear uma estratégia onde possam conviver a clareza e objectividade dos valores, dos ideais e dos objectivos com a multiplicidade de facetas dos seus intervenientes, não é tarefa fácil. Daí que de alguma forma tenha aplicado aqui o conceito de alquimia como conceito caracterizador da escola, pois entendo, com o mais profundo da minha experiência, que existe muito de mágico aliado a muito de racional, no trabalho que se desenvolve, referindo-se aqui racional à capacidade de organização e definição clara de objectivos.

2.1 O projecto educativo

O projecto educativo será a imagem de marca de cada escola o que deve orientar todo o seu trabalho. Deve por isso ser um documento **presente**, funcionará como o mapa que orientará todas as actividades a desenvolver, para que seja possível atingir os objectivos nele consignados.

O projecto educativo da escola a que me tenho vindo a referir, assenta fundamentalmente nos valores estruturantes abaixo referenciados, pois não será propósito neste trabalho fazer uma análise exaustiva do referido projecto e todas as suas vertentes. Sublinharei aqueles que são os pilares do nosso trabalho, os orientadores da modificação de procedimentos, a que foram atribuídos o desânimo e falta de motivação dos alunos e consequentes das situações comportamentais menos favoráveis à sua formação.

Formação técnica, social e humana – é evidente que objectivo fundamental e valor estruturante de qualquer escola é sem dúvida a formação. Sendo esta escola, uma escola profissional é evidente que a componente técnico-científica da formação é fundamental, mas a formação social e humana não o são menos, bem pelo contrário. É, sem dúvida, uma mais valia que os alunos tenham acesso a todo um conjunto de conhecimentos que lhe permitam exercer com competência técnica as suas profissões, mas é fundamental também que consigam relacionar-se com os outros, sejam capazes de estabelecer relações interpessoais onde promovam a confiança, a partilha de informações e experiências.

São destas situações, que também queremos que se vivam na escola, pois é através da sua vivência efectiva que se apreendem, e estas revelam-se fundamentais para a criação

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência de um ambiente favorável ao desenvolvimento de atitudes positivas e de ambientes que promovam o sucesso e uma efectiva aprendizagem e produtividade, qualquer que seja o contexto em que falemos de produtividade.

Gosto pela pesquisa e pelo estudo – é absolutamente crucial o valor da atitude de pesquisa e investigação, para qualquer que seja a área em que nos coloquemos, mas admito potenciar esta importância na área tecnológica .

Dizia já Heraclito que não nos seria possível banhar duas vezes na mesma água de um rio, pois tudo flui. E esta é talvez a única certeza, a da incerteza que caracteriza o mundo em que vivemos. Assim sendo, ter a pretensão de dizer que sabemos alguma coisa, reside essencialmente na atitude permanente de percebermos que temos que estar constantemente à procura. A humildade relativamente ao saber, é fundamental e numa área técnica, e agora sob um ponto de vista pragmático, poupa muitos aborrecimentos, poupa muito tempo e como é evidente poupa dinheiro. Fará neste sentido a diferença entre um bom ou mau técnico, num ponto de vista profissional.

Capacidade de organização e realização de Projectos – Ser capaz de organizar, um projecto, o nosso caderno, o nosso trabalho, enfim, ser capaz de organizar... é de facto uma capacidade fundamental para a sedimentação de aprendizagens e para a eficácia das tarefas que nos cumpre realizar em qualquer dimensão da nossa existência. Proporcionar a realização de projectos, orientar os alunos para pequenas tarefas de organização, que podem passar, a título de exemplo, pela arrumação dos materiais com que se trabalha são valores fundamentais a pôr em prática nas actividades diárias, o mais possível em todas as disciplinas e em contexto de intervenção global de escola. Tais actividades proporcionam não só a já referida capacidade de organização, mas todo um outro conjunto de capacidades que lhe estão agregadas, tais como: prospectiva, capacidade de relação, capacidade de interacção social, entre outras. E se só por si estes valores são fundamentais como valores formativos em si mesmo, no nosso entender funcionam num primeiro momento como o cartão de visita dos alunos para mostrarem o seu trabalho. Estes trabalhos, necessitam e mais uma vez insisto, no contexto escolar a que me estou a referir, de serem muito orientados, mas os resultados são francamente positivos. Os alunos devem mostrar os seus trabalhos, por isso, devem esses trabalhos, sair do contexto da sala de aula. Devem ser partilhados, isto é motivador e factor de “orgulho”, pois, de uma

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência forma geral, as pessoas gostam de ver reconhecido o que fazem, e gostam de perceber que o seu trabalho é um contributo para o grupo em que estão inseridas. É evidente que o que acabei de afirmar aumenta exponencialmente, quando o contexto de referência é altamente significativo. Do ponto de vista da interacção social cria e proporciona óptimas oportunidades para trabalhar com gestão de conflitos, comportamentos assertivos, isto é, com todo um conjunto de atitudes e procedimentos que passam não só pela gestão das suas próprias emoções, mas também das dos outros. Propicia-se neste modo o confronto e progressivo domínio dos seus receios, das suas capacidades, dos receios e capacidades dos outros. Promove-se o auto-domínio, criam-se oportunidades através das quais podemos reforçar positivamente os alunos pelo empenho nos trabalhos realizados.

A escola deve ser pois um recinto de treinos, em que todos os momentos, em que todos os projectos e tudo o que neles acontece de menos bom, será “sustentado pela rede de segurança”, que permitirá a análise do menos bom e a respectiva reformulação e transformação. O menos bom deve ser sempre visto como ponto de partida, como algo em que devemos trabalhar para poder transformar. São pois momentos excepcionais para a aprendizagem. O que está bem, o que foi bem realizado funciona só por si como o melhor prémio, nesse sentido é já um óptimo reforço.

Integração de saberes – Os saberes não são estanques e só ganham muitas vezes a sua verdadeira dimensão, quando conseguimos cruzá-los entre si. Um dos factos, com que mais nos deparamos na nossa experiência pedagógica é verificarmos que os saberes são apreendidos, de uma forma geral pelos alunos, de modo compartmentado, o que significa, por exemplo, que a resolução de uma equação matemática, não é a mesma coisa que aplicá-la para cálculo de um qualquer problema de física. É muito importante neste sentido, criar actividades, “juntar disciplinas”, realizar aulas conjuntas e organizar exposições de trabalhos onde seja possível promover a aproximação e integração de saberes, acompanhando sempre estas tarefas, de projectos e actividades, com a objectivação do quê e do para quê. Muitas vezes os alunos não têm a compreensão que os processos que usamos com frequência na resolução de problemas, até relacionados com a nossa vida quotidiana, têm por base os processos lógicos que lhes solicitamos em contexto de escola. É fundamental procurar que não se cave a diferença entre o que se aprende na escola, e os processos que lhe estão implícitos, com aquilo que vamos aprendendo na nossa experiência. É preciso que estes saberes e respectivos procedimentos se cruzem.

Assiduidade e pontualidade – Dizia no início deste trabalho, que um dos sinais de desmotivação e desintegração é a falta de assiduidade. É para a escola um facto a combater, e como é evidente, num primeiro momento, não a podemos combater por motivação interior do aluno. Numa primeira fase as estratégias são essencialmente as de reforço negativo, como por exemplo a perda de subsídios, e/ou a perda de aproveitamento a um módulo. Quando as situações se caracterizam por reincidências, propõe-se ao aluno um contrato de modificação de conduta. Verifica-se contudo, apesar da falta de assiduidade neste momento ter diminuído, que este tipo de estratégia de reforço negativo não é a estratégia de eleição. Tem-se vindo a procurar associar a assiduidade a factores de reforço interno, conotá-la com adjetivos caracterizadores de um bom técnico, de um bom profissional. Este reforço que é construído sob um ponto de vista positivo, pode, por comparação induzir à compreensão de que a falta de assiduidade e a falta de pontualidade representam sempre uma menos valia, a saber: a perda de prestígio e a perda de oportunidades com sentido e significado.

2.2 As actividades e procedimentos

Gostaria mais uma vez de salientar, que tudo o que tem vindo a ser implementado, desde há dois anos a esta parte, após a entrada da nova Direcção Pedagógica, à qual presido, é fruto de um trabalho de equipa.

Os resultados são alguns, mas é ainda muito cedo para tirar conclusões mais objectivas e estruturadas. A tarefa é inacabada, aliás sempre, pois os ciclos de formação sucedem-se e tudo muda numa escola, ficará sempre e é isso que se pretende a identidade e a marca da escola com os seus valores de referência e a sua capacidade de adaptar e inovar procedimentos.

Os nossos alunos, antes de realizarem a sua matrícula têm que passar por um processo de selecção, processo este anteriormente explicado. Este processo implica para além de uma entrevista com o candidato, uma apresentação da escola e tudo o que nela se procurará trabalhar. É-lhes explicado o que é um curso profissional, é-lhes dito o que se **espera e o que se lhes irá exigir**, é-lhes pedido que pensem o que esperam que a escola lhes ofereça. Toda esta exposição assenta em três ideias fundamentais: **respeito, assiduidade, empenho**. Respeito por si próprios, pelo trabalho que irão realizar, bem como

respeito pelos outros e pelo trabalho dos outros. Empenho nas tarefas que vão sendo propostas e na sua formação. Assiduidade, pois a ausência de um elemento afecta sempre o todo e não permite que cada um de nós progride. São estas atitudes pelas quais entendemos poder progressivamente atingir os valores fundamentais do projecto educativo. Aos candidatos, neste processo de selecção é dado acesso à consulta do regulamento interno e como este processo é feito enquanto as aulas decorrem, é-lhes possível estabelecerem diálogo com os alunos da escola. Todo este procedimento assenta na concepção de que é preciso ter à partida a ideia, ainda que não muito clara, do que se pretende e do que se espera. Cruzando estas expectativas com a informação que a escola tem para oferecer. Os alunos são convidados, por isso, a efectivamente pensar sobre a escolha que se preparam para fazer. Para alguns é clara, para outros chegamos à conclusão que é o início da reflexão. É fundamental que exista clareza nos objectivos, regras e exigências. É claro que isto não garante certezas absolutas nas escolhas realizadas, elas não existem. Muitas vezes a verdadeira descoberta é decorrente da realização do próprio curso, contudo é fundamental que a escola possa definir e possa informar, em suma, possa identificar-se com as características que pretendemos que lhe sejam inerentes.

O plano de actividades da escola é sempre organizado procurando uma participação dos alunos na realização de projectos e eventos. No horizonte de realização destes trabalhos está sempre presente que o que os alunos realizam nas diferentes disciplinas possa sair das salas de aulas. Isto revela-se fundamental, pelos motivos que anteriormente evoquei, mas que relembro neste momento: *A capacidade de organização de eventos; a capacidade de organização de informação; A capacidade de exposição e apresentação de conteúdos.* Estas situações tem a enorme vantagem de criar movimento, dinamismo na escola.

Temos consciência, hoje em dia, que a aula de caneta, papel, quadro, e estruturalmente expositiva não tem resultados, só por si, muito positivos. É evidente que estas situações de aula não são abandonadas, tal não faria sentido. Elas são um meio, de podermos estruturar, organizar os referidos trabalhos e projectos, pretende-se que deste modo elas próprias se tornem mais apetecíveis. Esta forma de trabalhar implica antes de mais que os alunos apreendam e tenham a percepção da escola como um campo de treinos e não como um campo de batalha, onde apenas se pode ganhar e perder. Aqui o fundamental não é exactamente o ganhar e o perder, mas sim o “praticar”. O cometer

erros, o fazer menos bem, para que a partir desses erros se possa realizar uma análise que permita resolvê-los, ultrapassá-los. Parte-se do que os alunos são capazes desafiando-os para novos procedimentos e conhecimentos.

É muito importante reforçar a auto-estima dos alunos e obrigar-los a exporem-se, exigindo que sejam capazes de ultrapassar os seus medos, que lidem com a frustração, não como sentimento incapacitante, mas como força motriz para ultrapassar os obstáculos. Pois, muitas vezes, o comportamento pouco assertivo e desafiador que os alunos revelam, para além de ter por base o factor de educação familiar, assenta também na razão de defesa de si próprio e das limitações que assume como suas, sem capacidade ele próprio para as ultrapassar.

Os alunos, pela prática do dia-a-dia, tem que entender e sentir que o seu contributo é fundamental para a escola, a **sua escola**, e isto é fundamental, pois não é quantidade maior de papéis que possam estar afixados, ou a quantidade de informação que lhes possa ser lida, que faz por si a diferença. Ele não é a escola, a escola sobrevirá sem ele, mas ele e todos os outros farão a diferença, ele é uma parte do todo e tal aplica-se aos professores ou pessoal não docente.

Os alunos tem que sentir que são importantes para a escola. Sabem, por isso, que podem ser escolhidos para tarefas específicas de manutenção de determinados serviços, pelos quais vão com certeza ser avaliados, mas mais importante que isso, esses serviços vão-lhe dar conhecimentos. Exemplo, alunos de informática serem responsáveis por determinado período de tempo pela gestão do fórum da escola. Todo este tipo de tarefas, nas quais os alunos são implicados pelos mais diversos factores, são objecto de certificação.

Desde cedo aos alunos é incutida a ideia, e porque estamos num cursos profissional, que tudo que fizerem pela sua formação, é sempre uma mais valia para o seu currículo, para o seu processo de aprendizagem, nem que tal se refira por exemplo à organização de um torneio desportivo.

Os alunos são todos diferentes, e a sua diferença faz deles a mais-valia para a formação e para o ambiente que cada escola pode ser, desde que seja capaz de dar voz e espaço para que essa multiplicidade e diversidade se manifeste. Ganha o aluno, ganham os professores, ou seja, contas feitas, ganha a **ESCOLA**.

Disto desta forma, parece ser tudo fácil e de uma eficácia total. A realidade não é esta. Estamos a falar aqui de mudança de procedimentos e de atitudes, e tal não acontece

somente porque se tem um projecto para o fazer, é uma questão de vivência, e para que isso aconteça é necessário que se interiorizem valores e que todos os intervenientes para isso trabalhem. Surgem sempre muitas dificuldade, continuam a aparecer comportamentos menos correctos, alunos há que continuam a faltar, e cujo comportamento não é de facto contributo positivo para a comunidade escola. Por vezes, para nós , e porque a escola não tem apoio de um especialista na área de psicologia ou pedagogia, não é fácil, determinar o trabalho ou procedimentos a implementar com determinado aluno. Em situações que consideramos mais graves, tem a escola, em sede de conselho de turma, optado pela realização de contratos de modificação de conduta (cf.anexo4) ou pela determinação de tarefas, fora do horário escolar, que revertam para a comunidade escolar. Estas acções visam essencialmente integrar o aluno, fazendo-o perceber o que estava incorrecto no seu comportamento e quanto isso o prejudica no seu percurso escolar, quer como aluno, quer como pessoa. Ainda nesta perspectiva, foi criada uma sala própria, a que chamamos sala de apoio, com material de trabalho, fichas, livros, e um computador, entre outros materiais, para a qual os professores podem orientar os alunos com tarefas atribuídas, permitindo deste modo “isolar”, desvincular o aluno da turma, onde por vezes está a perturbar o trabalho, não existindo contudo razão para qualquer outro tipo de medida, que seria porventura ineficaz. Muitas vezes um tempo – fora, desfaz o ciclo de distracção ou de tensão que determinado aluno estaria a provocar.

Procura-se sempre que possível abordar as situações comportamentais utilizando estratégias através das quais se possa chegar até ao aluno, provocando nele respostas pelas quais o possamos reforçar positivamente.

Gostaria também aqui de salientar a importância que se atribui à ligação que procuramos estabelecer com a família, pois esta é fundamental. O trabalho aqui também não é fácil, mas é sempre uma preocupação de todos aqueles professores que são também Directores de Turma. Todos sabemos que um desenvolvimento harmonioso passa por uma relação afectiva estável, e também todos sabemos, que essa é uma realidade bem difícil nos dias de hoje. Procura-se pois integrar o mais possível os pais na vida escolar dos seus filhos, proporcionando acima de tudo informação e disponibilidade para o diálogo. Porque muitos dos nossos alunos são já maiores de idade (têm idades iguais ou superiores a 18 anos) o que faz deles encarregados de educação de si próprios, introduziu o conselho pedagógico, no Regulamento Interno um artigo no qual se prevê a possibilidade de a escola poder dialogar com os pais dos referidos alunos, sempre que existam situações que

consideráramos exigirem esse diálogo. A experiência mostra-nos que muitas vezes as situações de instabilidade dos alunos, passam por algumas dificuldades familiares, que ao serem compreendidas, não digo resolvidas, pois tal ultrapassa em muito o objectivo, função e a capacidade da escola, permitem pelo menos o enquadramento da situação e o determinar modos de actuação que possam minorar o problema com que nos fomos deparando.

Julgo que de uma forma sucinta, enquadrei as linhas pelas quais o nosso plano de actividades se desenrola e consequentemente os procedimentos que lhe tornamos inerentes. Gostava de enunciar alguns dos projectos realizados, e ainda em realização, sem ser de todo exaustiva, pois julgo poderem ilustrar de forma mais objectiva tudo o que acabei de dizer, e no fundo tudo aquilo que é o propósito fundamental deste meu trabalho, que não é senão a análise dos elementos e procedimentos para aquilo que tenho vindo chamar alquimia.

Capítulo IV – A escola em acção

1- Os trabalhos de Projecto

Num certo sentido, os trabalhos realizados na escola , são todos trabalhos de projecto. O modo como se estruturam, como os alunos têm que os apresentar, desenvolver e implementar, sobre coordenação dos respectivos professores, aponta para a dinâmica daquilo que é por definição um trabalho de projecto. Mas, faremos aqui alguma diferenciação, atendendo aos critérios duração no tempo e dimensão.

Com estes trabalhos pretende-se não só a aplicação e a extensão de conhecimentos na área técnica, através da sua aplicação prática, mas também promover procedimentos tais como: trabalho de equipa, planificação, apresentação, execução, relação, entre outros. Os alunos são envolvidos nos projectos por critérios, de reconhecimento de capacidades, quer técnicas, quer humanas, como factor de motivação e empenho para o curso. Os alunos sabem pois que são escolhidos e sabem que a sua tarefa será avaliada, mas como referi a verdadeira recompensa está na mais valia que estes trabalhos representam, no conhecimento e práticas que adquirirem. Todo este trabalho, para além de ser avaliado será certificado, para efeitos de organização de currículo. Do que até ao momento se tem feito e verificado, é que de uma forma geral, todos os alunos estão e querem estar envolvidos em projectos. A escola e os professores têm o cuidado de diferentes formas e com diferentes projectos envolverem todos os alunos.

Projecto U.S.P.E. – um site para a escola

A escola não tinha uma página Web, mas tinha um curso de informática. Foram envolvidos neste projecto alunos das três turmas do curso de informática, sob a coordenação de dois professores. Todo o suporte técnico informático para alojamento do referido site, foi também implementado na escola, sendo parte estrutural do projecto a que

me refiro. Para além de um carácter técnico, pretendeu-se que este projecto fosse o pilar fundamental de informação, de tudo o que se passava na escola. Pretendia-se pois uma página sempre actual com toda a informação que pudesse ser útil a professores e alunos, onde rapidamente se pudesse obter, um documento, um data significativa, a agenda de todos os acontecimentos da escola. A página foi construída e foi este o grande projecto, estrutural de todos os outros, do ano lectivo 2002/2003.

Este ano continua o projecto Web, já não se chama U.S.P.E., pois já temos site. As apostas, para este ano lectivo, foram dadas à criação de um fórum e de um serviço de FTP. O trabalho é sempre realizado sob a coordenação de um professor, com a envolvência dos alunos.

Gostaria de referir que o serviço de FTP, foi pensado essencialmente para servir a troca de grande informação que se regista dos alunos finalistas com os professores orientadores das provas de Aptidão Profissional. A necessidade surge do facto de estes alunos estarem algum tempo fora da escola, colocados em situação de estágio. Este é um serviço de acesso restrito.

O Fórum é um espaço, que permite a troca de informações, quer técnicas, quer dos acontecimentos do dia-a-dia da escola. É um espaço informal, no qual se pode aprender não só toda uma nova forma de linguagem, mas também uma nova forma de pesquisa baseada na ideia de troca/ partilha de informações, muitas das vezes através de colocações de dúvidas, as quais podem ser respondidas segundo uma multiplicidade de abordagens.

Prova de Aptidão Profissional

Tal, como referi anteriormente, é uma prova curricular, realizada ao longo do ano lectivo, que obriga a apresentação pública final. As provas têm sido orientadas para a realização de trabalhos que possam ser aplicados ao próprio funcionamento, gestão ou outra qualquer dimensão da vida da escola. É também um projecto que se pretende possa vir a ser desenvolvido ao longo de diferentes anos lectivos, por diferentes alunos. Temos cursos em áreas técnicas, como tal tais projectos podem vir sempre a ser melhorados e complexificados. É importante que os trabalhos realizados não sejam pontuais ou pouco úteis. Se for possível conciliar procedimentos técnicos com a aplicação prática, entendemos que isso é uma mais valia para a eficácia da estratégia que se pretendeu

implementar e para a concretização dos valores e objectivos do nosso projecto educativo.

Deste modo é também possível de esta forma ser possível perpetuar de forma útil o investimento dos alunos e dos professores orientadores, no projecto em questão.

Jornal de escola

É realizado de forma rotativa pelas turmas e realiza-se uma edição por trimestre.

O jornal, para além de proporcionar a partilha de informação permite trabalhar a língua e abordar um diferente estilo de linguagem. Ao ser realizado por diferentes turmas, proporciona sempre um cunho diverso, muitas vezes até pela vontade de fazer melhor e de ser diferente.

Trabalho multidisciplinar

Trabalhos realizados no âmbito das disciplinas não técnicas do curso, disciplinas de línguas, matemática, física, entre outras, que têm por objectivo fundamental, proporcionar a compreensão de que todos os processos de raciocínio e todos os processos lógico - matemáticos inerentes as conceitos nelas utilizados, são fundamentais e de aplicação no nossa realidade do dia-a-dia.

Pretende-se que de uma forma lúdica, prática, os alunos adquiram a compreensão que a resolução de um problema envolve todo um conjunto de processos lógicos, processos linguísticos e de comunicação que viabilizam a resolução desses mesmos problemas, qualquer que seja o âmbito em que os colocamos. Procura-se um dimensão de interdisciplinaridade e de completamento de saberes, que pelo facto de serem saberes da “escola” não significa que não sejam saberes da “vida”. Desta forma procura-se combater um pouco a errada ideia que os alunos têm e que é efectivamente vivida por estes, acerca da repartição e separação de saberes bem como da sua aplicação. Este trabalho é geralmente desenvolvido nos dois primeiros trimestres, e como se pretende que seja lúdico e prático, e porque todas as turmas são nelas envolvidas, é sempre marcado no calendário escolar um dia para realização e apresentação, dos trabalhos desenvolvidos. Os trabalhos aparecem geralmente sob a forma de jogos, enigmas, concursos, teatro, experiências de

laboratório, entre outras formas. A este dia junta-se também um convívio escolar, entre todos os professores, alunos, e funcionários, na forma de “almoço convívio”. O dia inteiro é passado na escola, mas com um ritmo e com uma forma de estar diferente, por comparação aos outros dias.

Formação dada pelos alunos

Um dos projectos, que se encontra em desenvolvimento este ano lectivo, e que pontualmente se verificou no ano lectivo transacto, é a organização de formação por parte dos alunos, a ser ministrada aos professores e ao pessoal não docente. Tal realiza-se dentro da área técnica de informática, e diz concretamente respeito, à utilização de determinados serviços ou tecnologias da informação. A título de exemplo, refiro duas das formações que tiveram lugar este ano. Uma delas referia-se à configuração de contas email , outra à construção de uma página Web. No ano transacto umas das alunas responsáveis pela introdução de um “webcalendar” no site da escola, deu formação á Direcção Pedagógica, tendo inclusivamente construído um manual para o efeito. A formação permitiu que a Direcção pudesse actualizar os acontecimentos do dia-a-dia na escola, no referido calendário.

Os cursos leccionados na escola são muito diferentes e específicos, tem por isso dinâmicas próprias. E é isso que se verificará no item que se segue.

Organização das actividades extracurriculares

O Plano de Actividades contempla também a realização de actividades extracurriculares. O horário lectivo dos alunos é substancialmente sobre carregado, mas é muito importante que se criem espaços de convívio, que se proporcionem a realização de diferentes actividades. Umas das actividades que os alunos, mais gostam são os torneios desportivos, que ficam geralmente restritos a torneios de futebol, atendendo com certeza ao facto de nossa população de alunos ser essencialmente composta por rapazes.

Mas o que aqui queria realçar é o facto de este ano a organização destas tarefas extracurriculares, que são também escolhidas pelos alunos, nos primeiros dias de aulas em

que se analisa e se lhes solicitam propostas para o plano de actividades, estar a cargo da turma dos alunos do curso de Animação sociocultural, sob coordenação dos respectivos professores. Entendeu-se que as actividades extracurriculares poderiam fornecer boas oportunidades de pôr em prática os objectivos e promover a construção do perfil daquilo que é um técnico de animação sociocultural. A estas actividades, que geralmente têm um carácter mais festivo, associa-se agora uma dimensão também técnica. Os alunos, organizam a comemoração, procurando criar à volta dela algum enquadramento histórico, ou estético. Estas actividades funcionam como o “campo de treino”, e nesse sentido como trabalho de projecto da turma anteriormente referida.

Pequenos projectos de turma

Como forma de distinção e de classificação, denominei-os de pequenos projectos, não porque tenham menos importância, mas porque ou são realizados numa determinada turma, por um professor, ou porque referem-se a uma parte específica de determinado conteúdo programático. Assim sendo têm os professores, levado a cabo a realização de desdobráveis, com determinado tipo de informação, ou alerta, no contexto modular de uma dada disciplina, a realização de cartazes com informações históricas sobre uma qualquer realidade, seja de uma pessoa, de um número ou de um composto químico. Estes projectos podem implicar mais do que uma turma, por vezes um dos seus objectivos é a partilha de conhecimentos entre turmas de diferentes cursos.

Comum a todos estes projectos são os seus objectivos formativos, quer em termos técnicos/ científicos, mas também humanos, quer no que diz respeito à relação, mas também à comunicação. Pretende-se com eles a motivação interior dos nossos alunos, resultante da capacidade de empenho e dos resultados sempre positivos que daí advêm, pois mesmo com o menos bom, mesmo com os erros ou com o menor brilhantismo sempre se aprende. É muito importante envolvê-los, fazê-los sentir que é a **Sua Escola**. Geralmente os projectos sendo trabalhos de equipa permitem este reforço de posição e de protecção, sentindo os alunos mais capacidade e à vontade para se exporem, logo mais receptivos à aprendizagem. É evidente que muitos dos efeitos que com estes trabalhos

queremos obter, não o conseguimos no imediato.

Uma das grandes capacidades de que quem é professor tem de ter, é a paciência de esperar o resultado do seu trabalho e empenho, sem esmorecer. Aliás atrever-me-ia a dizer que são poucas as vezes em que ele é imediato. Temos que saber esperar pelos resultados da realização da tarefa que nos é própria.

2- Participação em feiras e eventos

Limitados sempre à capacidade financeira da escola, participamos sempre que possível em eventos fora da escola, quer sob a forma de concursos, ou com a presença da escola em stands. A grande vantagem destes acontecimentos e a grande importância para o projecto educativo, reside no facto de estas actividades se realizarem fora da escola. Muda o espaço, muda o ambiente, mudam as pessoas, conhecem-se novas realidades. Cram-se sempre momentos onde a capacidade de resolver problemas e de o fazer em determinado tempo, cria simultaneamente uma sensação de ansiedade e de empenho, de cansaço e de enorme satisfação. De uma forma geral os alunos excedem-se a eles próprios e posso até afirmar que para alguns deles, especialmente os que participam de forma mais directa, a experiência é muito marcante mudando muitas vezes estes alunos o seu modo de estar, mostrando uma maturidade, chamemos-lhe, profissional, diferente.

3- Protocolos

A escola estabelece protocolos com empresas e instituições com o objectivo de organizar os estágios curriculares. O estágio é sem dúvida uma mais valia para a formação final do aluno, pois a realidade do mundo do trabalho é bem diferente daquela que na escola se vive, e ainda bem que assim é. Contudo, este estágio permitirá aferir dos toques finais para a formação que se pretende dar ao aluno, que brevemente irá procurar ele próprio o seu emprego, a sua integração no referido mercado. Mas os protocolos não se limitam apenas ao enquadramento de estágio. Procuramos também através destes, com

outras instituições de ensino, realizar a partilha de informações, não só em termos técnicos, mas também no que diz respeito a objectivos e formas de organização. Para cumprimento deste último objectivo e desejo enunciado, estabelecemos protocolos com duas escolas da cidade de Vigo em Espanha, que leccionam também cursos profissionais nas mesmas áreas que as nossas. Procuramos com esta ligação conhecer diferentes realidades, indagando sempre mais valias, resultantes da troca e partilha de informações. O terreno encontrado é de facto fértil, pois a organização do sistema de ensino espanhol é bem diferente da nossa. Depois de um primeiro contacto pessoal e de uma visita feita por nós aos nossos colegas, e dos nossos colegas até nós, optámos, porque a capacidade financeira é sempre limitada, por continuar a realizar esta partilha por videoconferência, sendo um projecto ainda concretizar no ano lectivo que decorre (03/04).

Contudo, os protocolos que estabelecemos, podem ter outro cariz, contudo tendo sempre por horizonte, a rentabilização dos recursos humanos, técnicos e materiais aliados à mais valia que é a aplicação de conhecimentos. Assim sendo, e para ilustrar, realizou-se este ano lectivo a parametrização de rede informática na Sala de Recursos numa escola de 2º e 3º ciclos.

4- Organização de colóquios e conversas informais

Uma das grandes dificuldades que os alunos revelam, que anteriormente mencionei, é a gestão de expectativas. Os alunos apresentam muitas vezes um comportamento paradoxal neste aspecto, pois associado à sua falta de expectativas e capacidades, contrapõem elevadas expectativas no que diz respeito á sua integração no mundo do trabalho. Muitas vezes estas expectativas são desadequadas. Procura-se, deste modo, quer sobre a forma de colóquios com painéis constituídos por representantes de empresas, organizações sindicais, organizações empresariais, quer sobre a forma de conversas mais restritas em contexto de turma, construir um referencial mais real e mais próximo daquilo que os alunos irão encontram quando saírem da escola. Não se pretende criar decepção, criando um discurso fatalista, pelo contrário pretende-se com isto um reforço positivo para motivação dos alunos, através do qual eles possam imaginar,

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência vislumbrar o seu futuro ao concluirão com sucesso os seus cursos. Recorremos muitas vezes à colaboração de ex-alunos da escola, com os percursos mais diversos, que

colaborem nestas conversas a que chamamos informais, e que têm uma eficácia bastante superior ao Colóquio, realizado em 2002/2003, pois este criou um ambiente mais formal, não tão propício à colocação de dúvidas, e receios.

5- Equipas de trabalho

Ao longo do ano, e nos diferentes cursos atendendo à sua especificidade, são construídas equipas de trabalho, responsáveis pela manutenção de material, de equipamentos, ou serviços. Aos alunos são distribuídas tarefas específicas, pelas quais se têm que responsabilizar. Muitas vezes a própria reparação de material que a escola utiliza nos seus laboratórios é realizada pelos alunos, bem como a recuperação de material usado, que algumas vezes é oferecido à escola. Este tipo de tarefas permite o escalonamento de diferentes alunos, e tem um carácter que se adequa à rotatividade. Permite simultaneamente a hierarquização das referidas tarefas, quer pela responsabilidade que representa o manuseamento de determinado material ou serviço, a cargo, bem como pela sua complexidade técnica. Estas especificidades da tarefa permitem, que a estratégia de distribuição utilizada, possa funcionar como reforço positivo. Querem, pois, os alunos pertencer também a determinada equipa, porque pretendem ser identificados com “os adjetivos” que para eles são realmente significativos e válidos para o seu esforço e empenho. Todos os alunos envolvidos nestes trabalhos vêm o seu trabalho certificado, para além da avaliação formal correspondente à disciplina(s) que se encontrarem envolvida(s).

São estes, alguns dos projectos, através dos quais procurámos progressivamente alterar o ambiente de desmotivação dos alunos e mesmo dos professores, construindo uma escola com um referencial próprio à dinâmica dos cursos leccionados e dos objectivos que se encontram traçados no projecto educativo. Entendo que com esta dinâmica e com

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência estes procedimentos talvez seja possível alterar o modo de estar de todos os intervenientes no espaço escola. Diria que o modo como cada um de nós, parte que é do todo, entende e

percebe a escola impulsionará o modo como cada um age, trabalha, enfim se movimenta e se comporta. A alquimia reside e residirá sempre no ser capaz de inovar, ler atentamente e incessantemente os dados de referência do que é do que vai sendo e do que será a escola situada numa determinada realidade, num determinado contexto cultural. Esta é sem dúvida a tarefa da parte a quem cabe ensinar a aprender.

Conclusão

Gostaria de na conclusão poder realizar uma análise ao trabalho desenvolvido até aqui na escola e dos efeitos sentidos nos procedimentos e comportamentos. Contudo, verifico que é ainda um pouco cedo para organizar dados bastante mais objectivos, daqueles que posso neste momento. Correndo assim o risco de poder ser subjectiva gostaria de fazer algumas considerações que poderão dar contudo algum retorno do projecto que se encontra em realização, sensivelmente à dois anos.

Sabemos todos que é difícil mudar formas de actuação, convicções profundas ou rotinas, esta evidência ganha a sua verdadeira dimensão quando de facto se procura efectivamente fazê-lo. Enquanto ideal a implementar tudo parece fácil, bastante evidente e linear. Eu própria ao organizar e sistematizar todo o projecto e as ideias nas quais ele se estrutura, me sentia “deslumbrada” com a facilidade que parecia resultar de tudo o que se foi realizando e tudo o que se foi projectando. Só que, isso de facto não corresponde à realidade. Do deslumbramento, assaltava-me por vezes a frustração causada pela ideia de que afinal não vale a pena. Primeiro porque nem todas as estratégias/ procedimentos delineados se revelaram eficazes para o que se pretendia, tal contudo é inerente à tarefa de procura, ninguém possui a verdade, ninguém deveria de facto insistir no erro só porque está convicto do que quer que seja; segundo, porque como existem as partes no todo que são a escola, muitas vezes estas partes não concorrem para a realização dos objectivos do todo.

Creio que a visão global da escola como “**entidade viva**” que tem um conjunto de valores e objectivos, não é partilhada por todos. Isto obrigaría ao diálogo, à assertividade nos comportamentos, ao saber gerir e expor as diferenças. O que se constata ainda é que, por vezes, as partes pretendem determinar o todo, espartilhá-lo aos seus pontos de vista parcelares. Mas, se o que acabei de dizer parece menos positivo, não é esta a única adjetivação que coloco ao trabalho realizado até ao momento. As diferenças começam-se a sentir. Num primeiro momento basta-nos até analisar os projectos e trabalhos realizados. Eles foram múltiplos, nas mais diferentes áreas, e todos eles, quer mais ou menos bem

A ESCOLA. UMA ESCOLA – Uma vivência realizados, contaram com o efectivo empenho dos professores e dos alunos intervenientes. E como tive o cuidado de referir, o menos bem ou bom é também material da mais alta

qualidade para novos projectos, novos trabalhos, pois estes poderão agora ser realizados na base da transformação e da análise do que estava menos bem, logo o queiramos fazer.

Assim sendo, existem sinais quer nos professores, quer nos alunos de uma maior motivação, relevando-se esta, quase que de uma forma diria "automática" no empenho e no tipo de comportamento que se observa. Repito, isto não é generalizado, não é possível, acho eu, mudar o "**viver**", que implica modos de estar e de ser dentro de uma escola de um dia para o outro. Mas os sinais, como dizia existem. Os alunos revelam mais vontade de estar envolvidos em tarefas, apesar de depois não saberem bem como lidar com elas, mas aqui se encontra o grande terreno para todos nós professores. Orientar os alunos, sermos também capazes de pacientemente ajudá-los na construção e realização destas tarefas. A grande diferença, no meu entender, daquilo que se espera e que acaba por ser a tarefa do professor, reside no facto de que ao professor lhe é solicitado que organize a informação e a construa com o aluno. A sociedade de hoje obriga a este procedimento constantemente, o de que sejamos capazes de organizar e construir informação, nas mais diversas situações. Esta tarefa contrapõe-se ao que até à bem pouco tempo se exigia do professor, que era apenas a de entrega da informação.

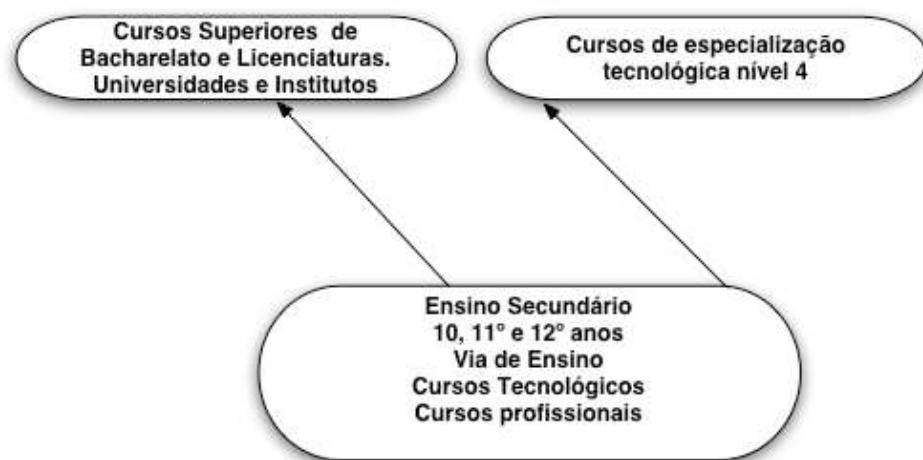
Parafraseando Sartre diria que "Os dados estão lançados". O trabalho decorre, os projectos sucedem-se e as diferenças começam-se a sentir, mas o trabalho será sempre inacabado, pois esta escola transformar-se-á e todos os que dela fizerem parte vão ter que possuir a capacidade de mudança e transformação. Creio que por mais ínfima que tenha sido a mudança, ela só por si já valeu a pena, porque promoveu e provocou efeitos positivos, quer seja na motivação, no modo de estar e de sentir a escola.

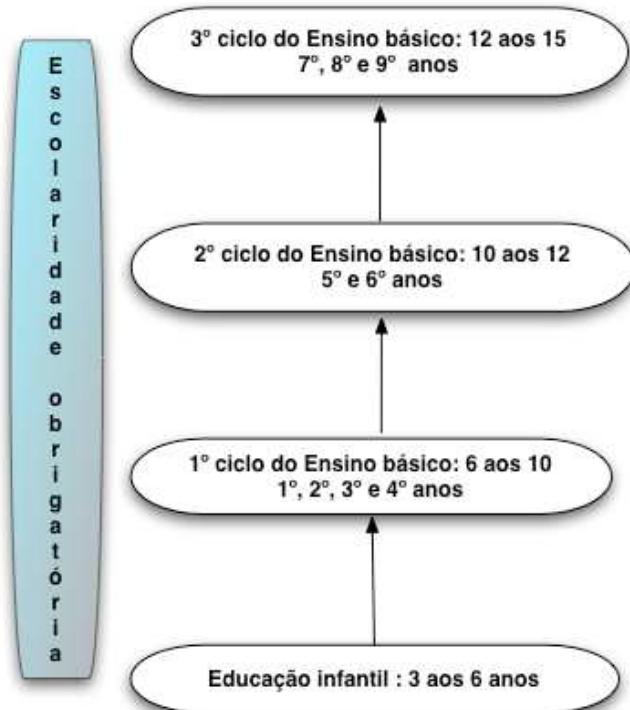
Para mim, e que situei desde o início o meu trabalho na base da minha experiência pessoal, apenas direi que tem sido uma experiência positiva, ainda que recheada de momentos de grandes dúvidas e por vezes desânimo, mas entendo que tem sido uma experiência muito enriquecedora e que teve a vantagem de provocar em mim própria a procura de novos e variados caminhos.

Anexos

Anexo 1

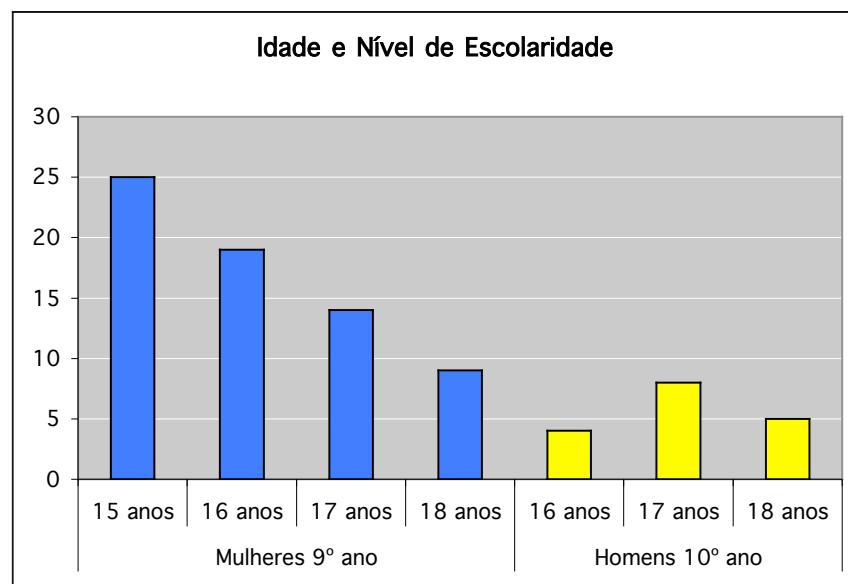
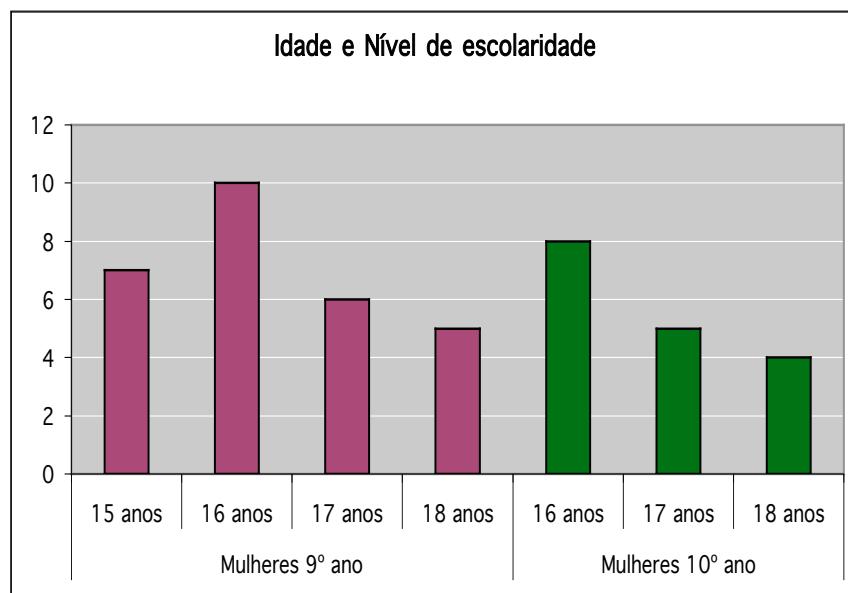
Estrutura do Sistema Educativo





cf. pg.13

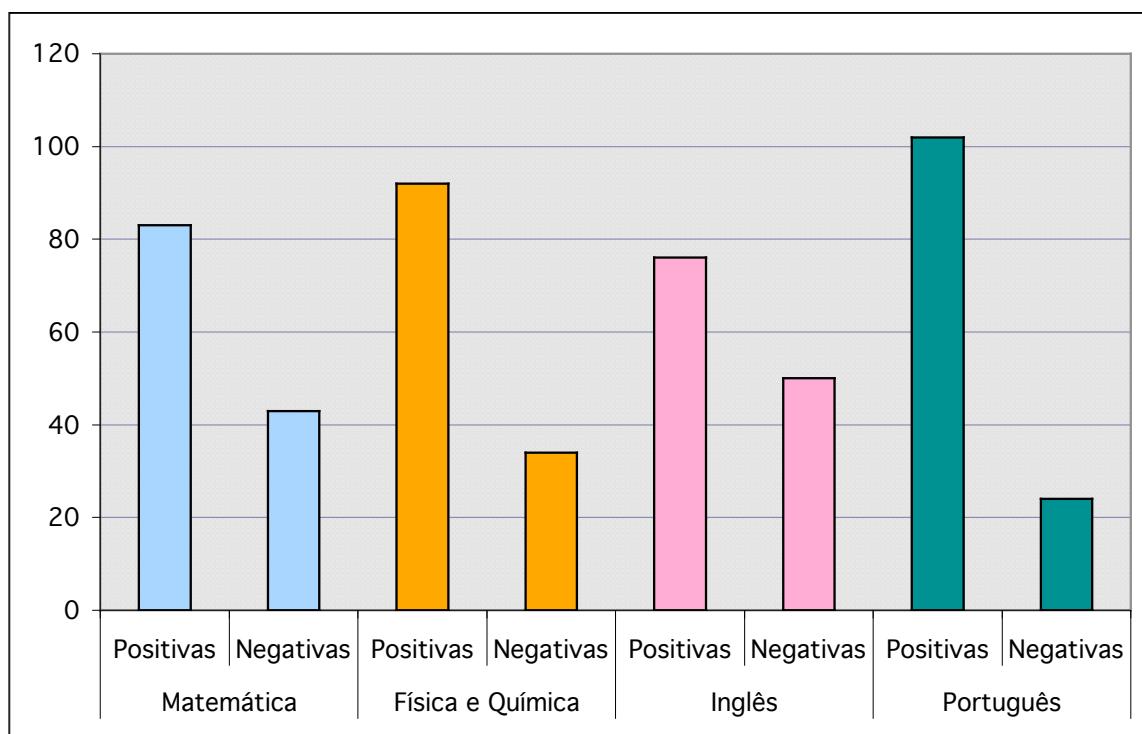
Anexo 2



cf. pg. 23

Com esta breve análise, à escolaridade e idade, pretende-se dar uma ideia sobre o percurso que os alunos realizaram até à entrada para a Escola Profissional.

Anexo 3



cf.pg.23

Este quadro pretende ilustrar o elevado grau de insucesso com que os alunos, que procuraram a escola, terminaram a escolaridade obrigatória, em disciplinas tão nucleares para a sua formação

Anexo 4

Habilidades literárias dos pais (figura 12)

	Pai	%	Mãe	%
1	41	36%	48	42%
2	21	19%	22	19%
3	17	15%	14	12%
4	16	14%	13	12%
5	9	8%	10	9%
6	1	1%	1	1%
7	3	3%	2	2%
Nr	5	4%	3	3%

- 1= 1º ciclo completo
- 2= 2º ciclo completo
- 3= 3º ciclo completo
- 4= Secundário incompleto
- 5= 12º ano escolaridade
- 6= Curso superior incompleto
- 7= Graus superiores

cf.pg.27

Como referi, este quadro foi construído pelos alunos, no âmbito de um trabalho de projecto, realizado nas disciplinas de área de Integração e Matemática. Este trabalho faz parte integrante do Projecto Educativo da Escola e foi feito exactamente com o objectivo de ajudar a caracterizar a comunidade escolar. Só por si, este quadro não permite uma leitura objectiva do grau de envolvência da família na escola, analisadas a suas habilitações literárias. Contudo pode ser significativo se nos referirmos às expectativas que os pais têm para os seus filhos, bem como às possibilidades de os orientarem no que diz respeito às escolhas e opções que devem fazer. Mas repito, nenhuma das reflexões atrás feitas são passíveis de catalogar qualquer família.

Anexo 5

Contrato

Porto, ____ / ____ de 200

Eu _____, comprometo-me a observar a seguinte conduta:

1. Ser um aluno assíduo (considera-se assíduo o aluno que não ultrapassa 5% das aulas mensais dadas e não perde nenhum módulo por excesso de faltas.)
2. Demonstrar uma atitude de maior empenho e participação, traduzida no aproveitamento dos módulos a realizar no 1º trimestre.

Realizando estas condutas terei a possibilidade de fazer parte da equipa que participará _____ no festival de Robótica a realizar em _____

O Aluno:

A Direcção Pedagógica / O Director de Turma

cf. pg. 40

Este contrato de modificação de conduta pretende ser apenas um exemplo. Estes podem ser mais ou menos genérico, podem envolver um professor, o Director de Turma ou mesmo a Direcção Pedagógica. Interessa fundamentalmente que no contrato esteja claro aquilo que se espera objectivamente do aluno, e aquilo que ele alcançará se observar o comportamento estipulado.

Bibliografia

ARÁNDIGA, ANTÓNIO VALLÉS. (2002). Modificación de la Conduta Problemática del Alumno. Alcoy: Editorial Marfil,S.A.

DAVIS,M; MCKAY.M; ESHELMAN,E.R. (2003). Técnicas de autocontrol emocional. Madrid: Ediciones Martínez Roca,S.A.

LIBÓRIO, OFÉLIA. (2000). Partilha para crescer. Boletim das ECAE, nº0, Ano 1- Dezembro 2000.

GOLEMAN, DANIEL. (1997). Inteligência Emocional. Lisboa: Editora Temas e Debates.

JOYCE-MONIZ, LUÍS. (2002). A modificação do Comportamento. Lisboa: Livros Horizonte. Lda.

PARKER, JAMES D.A. (2002). Manual de Inteligência Emocional. Teoria e Aplicação em casa, na escola e no trabalho. Porto Alegre: Artheme Editora S.A.

TAVARES, J ; ALARCÃO, I. (1989). Psicologia do desenvolvimento e da Aprendizagem. Coimbra. Almedina.

VYGOTSKHY, L.S. (1979). Pensamento e Linguagem. Lisboa: Edições Afrontamento

Nota final

Uma nota de *agradecimento* a todos aqueles colegas que se têm empenhado neste projecto de escola e que neste sentido têm colaborado para a consecução de algumas ideias que aqui defendi e que aqui fui sistematizando.

Porto, 19 de Maio de 2004